
VELUT
ARBOR
ÆVO

[illegible]

HISTORIA DE ESTHER

[illegible]

TELLES DA SYLVA

[illegible]

P. Fr. MANOEL BORRALHO

da Ordem da Santissima TRINDADE

[illegible]

PEREYRA

LISBOA.

[illegible]

A HUMILDADE TRIUNFANTE,

E A SOBERBA CASTIGADA.

HISTORIA DE ESTHER

Em oytava rima

OFFERECIDA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

MANOEL TELLES DA SYLVA,

MARQUEZ DE ALEGRETE, DO CONSELHO DE Estado, Camarista de Sua Mageſtade, de ſeu deſpacho, & Védor de ſua Real Fazenda, &c.

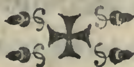
COMPOSTA PELO

M. R. P. Fr. MANOEL BORRALHO,

Religioſo da Ordem da Santiſſima TRINDADE da Redempçaõ de Cativos;

Dada à eſtampa

Por MANOEL PEREYRA GAMBOA.



LISBOA,

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES, Impreſſor de Sua Mageſtade.

Com todas as licenças neceſſarias. Anno de M. DCCVIII.



EXCELLENTISSIMO SENHOR:



OUCO me devia o Author deste Poema, se agenceando-lhe a estampa, lhe naõ procurasse juntamente a protecçaõ, tam importante aos que entregaõ o fruto de seus estudos ao Prelo, como certos esses dous grandes inimigos, que os costumaõ lastimar: a ignorancia, & a inveja, monstros, a que naõ domou a Clava de Hercules.

Naõ me deteve o cuidado de eleger, talvez porque lhe naõ pertencia o nome de eleyçaõ a hũa vontade, que precisada da excellencia do objecto, naõ podia deyxar de o admittir como bem mais conveniente, nem o entendimento, ainda depois de o conferir com os mais perfeytos, propor outro melhor, ou attendesse ao esplendor do sangue nobilissimo, ou à eminencia do lugar, ou a tantas, & taõ heroycas virtudes, como as que no generoso animo de V. Excellencia conspiraõ a formar hum centro, desde o qual se diffundão para a admiração, quando se difficultem para o exemplo.

Sò podia consistir a duvida em se querer dignar V. Excellencia de amparar o livro. Mas, como podia

 naõ

não querer , quando ampara o Reyno? & o são a melhor parte deste, os que escrevem os livros, & cultivão as sciencias. Não se começa a servir logo que se principia a estudar; mas he necessario (como affirma hũ grande politico) para servir bem, ter estudado. Virgil. Malu.
Donde se infere, que necessitando o Reyno dos que estudàrão, para ser bem servido, & tendo V. Excellencia tanto à sua conta patrocinar os que bem o servem, com justa confiança busco para o Author deste livro o amparo, de que em commum estava jà de posse.

Se entendèrão muitos, que o dedicar as obras, que escrevèrão, era obsequio à pessoa, a quem os dedicavão: se o julgàrão outros por desempenho do que devião; não me he licito a mim entender, & julgar desta maneyra; porque o que hade merecer nome de obsequio, deve ser livre de todo o interesse, & são muitos os que pertende esta dedicatoria; como o triunfar de calumniosos, & presumidos com as armas de hum respeyto soberano: confundir a ignorancia com a qualificação de hum entendimento tão admirado, & applaudido como o que V. Excellencia logra. E para desempenho, qual o poderà ser a tanta obrigação, como publîca dever a V. Excellencia todo este Reyno, quando o considera Arbitro de suas felicidades, ou votando nos conselhos, ou na administração da Real Fazenda, que governa? lugar não menos eminente, que occasionado ao precipicio da opinião, & consciencia, & em que V. Excellencia póde levantar trofeos ao seu desinteresse, & rectidão.

Não

Não trato agora da jornada de Alemanha, em que V. Excellencia deu bem a conhecer o zelo de seu invicto animo, não se poupando a caminhos tão dilatados, por gratificar a affectuosa vontade de hum Rey que o amava, porque o conhecia; & porque o conhecia, lhe encomendava negocios, que não pezavaõ menos que o lustre, & aumento de sua Monarquia. Não se governa o mundo por fado, como entendeo a superstição dos Ethnicos; huma celeste providencia o dirige por sujeytos, que sendo idoneos, & sabios, o conduzem à felicidade dos successos. E foy tal a deste, que por V. Excellencia conseguimos, como a prometia a relevante capacidade, & sabedoria do sujeyto da eleyção.

Atè aqui, Excellentissimo Senhor, em quanto à divida de todos, ou de todo este Reyno. E pela que pertence ao Author do livro, sò poderey dizer, que quando lhe communiquey o meu designio, me respondeo, que a ser elle o que procurasse a estampa a esta sua obra, não elegeria outro Mecenas; porque, alèm dos respeytos referidos, era a sua Religião insignemente obrigada a V. Excellencia, a quem devia conciliar-lhe o animo do Rey para todo o genero de merces: jà livrando-lhe a fazenda perseguida de iniquos delatores: jà nas promoçoens do Illustrissimo Senhor D. Frey Luis da Sylva aos Bispados de Lamego, & da Guarda, & ultimamente à Metropoli de Evora, nos dous primeyros incomparavel esmoler, & no ultimo com tanta mayor munificencia, quãto eraõ mayores as rendas desta Mitra; &

tam affectuoso sempre com a Religião da Santissima Trindade, que a este singular esplendor, & memoravel lustre, q̃ por V. Excellencia a engrandece, acrescentou a honra da promoção do Illustrissimo Senhor D. Fr. Domingos Barata, eminente Theologo da mesma Ordem, ao Bispado de Portalegre, devido ao voto, & insinuação de V. Excellencia.

Estes motivos, assás recopilados do immenso, que de V. Excellencia se pòde referir, me disculpão a offerta deste pequeno livro, que na inscripção de tão respeytado nome, não consegue menos que hum diploma para correr inoffenso de calumnias, que, ou dissiparà quando se atrevaõ, ou não permitirà que se declarem: como nem a mim a propria rudeza tratar mais condignamente dos meritos de V. Excellencia, que se devião sò fiar a hũ engenho, que tendo na mão huma penna das azas de Mercurio, esta o fizesse voar com mayor felicidade por esfera tam immensa.

A pessoa de V. Excellencia nos guarde o Ceo para o bem destes Reynos por dilatados annos.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

De V. Excellencia o menor criado

Manoel Pereyra de Gamboa.

PRO-

PROLOGO.

A AMIZADE, que por occasiaõ do parentesco, contrahi com o Author deste Poema, (que naõ merece menos nome) me facilitou a noticia, de o haver escrito no ocio de outros estudos, que exercitou com grande credito entre os doutos, & discretos, querendo, q̃ fosse tambem estudo o mesmo ocio, & o estudar o seu descanço; proprio genio dos que nascem para a cultura das letras, pois sem este apenas se tocaõ os limites de hũa mediania no saber. Naõ me occupo agora em applaudir o livro, que per si se faz plausivel. Sò direy, que me admiro, de que nas horas, em que menos quiz fazer, fizesse tanto, como inculca o mesmo livro; & muito mais, q̃ conhecendo o que valia, tivesse pensamento, de que o retiro de hũa gaveta lhe servisse de perpetua prizaõ. Confesso, que estava neste caso para reprehender a sua injustiça; mas contento-me com libertar a obra da prizaõ desmerecida, & que a voto de muitos assás peritos na Arte da Poesia, & noutras muitas, he digna de apparecer entre as melhores delicias do Parnaso, como ramalhete composto das mais vistosas flores de seus fragrantes bosques.

Era tam propria esta historia para o metro, que

naõ dûvido, tenha jà confiderado, quem a chegou a ler no feu original, que a mefma penna do Efcritor fagrado, deyxando a moderaçaõ taõ obfervada dos Hiftoriadores, fe remonta em elegancias poeticas. E efta, infiro eu, feria a caufa porque efte fingular engenho a efcreveo em verfo.

Porèm quando naõ tiveffe outra mais que a propenfaõ à fuave cithara de Apollo, quem poderà negar fer efta em feus armonicos acentos a melhor delicia dos ouvidos? Com efta fe deve entender, que reduzio Orfeo varias gentes de coftumes barbaros a hum viver politico, attrahidos a ouvir na doçura do metro aquellas regras, & dictames, que ignoravão, ou que aborreciaõ. Nem quanto os antigos efcrevèraõ era menos, que em verfo, & Ferecides o primeyro, que efcreveo em profa, livrando os que o imitáraõ de hum empenho para muitos quafi infuperavel.

O grande lugar, que deve ter o metro no divino, nos declaraõ Syneffio, & Juvenco, que commentáraõ em verfo o Euangelho: o infigne S. Maximo, & Saõ Damafo, que não fe dedignárão de que apparecefse o cafto louro de Apollo, onde fe via o efplendor da Mitra, & da Tiara: & do *cap.* 14. de Saõ Marcos fe colhe, que foy metro o, que compoz, & entoou a eterna Sabedoria na inftituiçaõ do foberano Sacramento, feguindo-o feus Difcipulos fagrados. Plataõ dizia, que fe os Deofes vieffem conver-

ſar com os homens, em verſo haviaõ de fallar. E eu digo, que naõ devia o Parnaſo corresponder-ſe, ſenaõ com o Empyreo.

Se pertences à Gerarquia dos Doutos, & diſcretos, para conhecer, & diſtinguir eſtylos, no deſta Poeſia pódes ver; que ſe accommoda ſeu Author a hum meyo entre o artificioſo, & o natural; quero dizer, a hum eſtylo, que nem ſempre ſe remonta, mas nunca ſe abate; porque aò primeyro (a que neſtes tempos adiantou muito o culto Gongora) facilmente ſe ſegue o enfado, & muitas vezes a moleſtia, pelo que cança a attençaõ dos meſmos, que ſe prezão de diſcretos, & para os ineruditos he hũa eſtranha lingoagem, ſem tratar de outros perigos, de que ſe naõ livrão (ou he com muita difficuldade) os do eſtylo culto, em que pelo inceſsante das metaforas, ſe obrigaõ a impropriedades, naõ ſem conhecida violencia dos ſoantes, & hum continuo deſterro de adjectivos, como bem notou o noſſo inſigne Hiſtoriador, & univerſal Faria, quando no ſegundo, que he o facil, & natural, deleytando com a elegancia, ſempre propria do Poeta, attrahe com a clareza, como ſe conhece no agudiſſimo Camoens, Monte-mayor, Garcilaſso de la Vega, & no copioſo Lope, todos admiraveis, cujo verſo parece huma proſa em conſonancia.

Porèm adverte, que como diz Lourenço Gracian na ſua Arte de Agudeza; o conceyto he alma

do

do estylo, & as frases elegantes, & figurados modos de dizer, sem a agudeza dos pensamentos, he huma rethorica material, porque a formal saõ os conceytos, & esta o principal estudo do Poeta. E se com razaõ dissseraõ ser a Poesia pintura, que fallava, & a pintura poesia muda; com a mesma me parecia a mim dizer, que essa rethorica, & enfeyte da locuçaõ onde faltaõ os conceytos, he na pintura poetica, o que na outra as boas tintas, sem o primoroso do desenho, que he o espirito do copiado.

Finalmente, quando sejas dos q̃ (como a Republica) daõ preço aos livros pelo papel, que está escrito, naõ deyxarey de te advertir, que a mesma uniaõ, que tem o excellente com o raro, se vè entre o precioso, & o pequeno. O Panegyrico de Plinio a Trajano, o livro de Consolaçaõ de Boecio, a vida de Agricola, de Tacito, a do Conde Duque de Malvezi, o Heroe de Lorenço Gracian he o melhor que estes singulares engenhos escrevèraõ, & tambem o mais abreviado. E concluo com dizer que quando consiga de ti este livrinho o applauso, que merece, alèm de te desempenhar da obrigaçaõ, em que te cõstitue o teu antigo titulo de benevolo Leytor, será tambem o credito do conceyto, que fiz delle; nem seu Author se reconhecerà em menos divida, porque nenhum escreve taõ desinteressado de louvor, que, quãdo naõ seja a ambição deste o fim total de seu desvelo, deyxe de o admittir como premio gratissimo.

A D-

ADMODUM R. P. FR. PAULI De Almeida Artium Lectoris in Conimbricensi Sanctissimæ Trinitatis Collegio, in tanti operis Authoris laudem

EPIGRAMMA.

SIquis in hoc plectrũ, cantumq́; accõmodat aures,
Doctior Author adest, pulchrior Esther abit.
Ista inter pulchras merito nunc pulchrior adstat,
Inter Sicelides doctior ille sonat.
Jure quidem, fateor, tot jam dotata per artes
Plauditur ingenio culta Puella tuo.
Dum sic Persarum imperio Regina triumphat,
Tam pulchra ac humilis parta trophæa tulit.
Dum sic Laurigeri superas tu numina vatis,
Hic calami est meritus summa petentis honor.
Sese submittens Sceptrum tenet illa, Coronam
Ast tibi grandisono Callioppeia dabit.

AD

ADMODUM R. P. Fr. AUGUSTIni à Sancta Maria Ordinis Sanctissimæ Trinitatis in laudem Authoris eximij poematis pulcherrimæ Estheris

EPIGRAMMA.

Eximia specie potuit lenire Tyranni
Esther si furias, pectora dura trahens;
Versibus ipsa tuis multò speciosior adstat,
Cunctorumque oculis nunc magis ipsa placet.
Jam merito vates mendacia quæque profani
Dicentes sileant, plectraque victa cadant;
Noster enim metris sapiens modularis Apollo
Quod Scriptura refert, sacra Fidesque docet.
In duo divisum celeri jam fama volatu
Hocce poema tuum fert ad utrumque polum.

DE TROILO DE VASCONCELLOS da Cunha em applauſo do Author do Poema de Eſther

SONETO.

DIvino Orfeo, que anîma ſacro alento,
Rompe o ſilencio armonico, & facundo,
Onde emulo do altiloco o profundo
Excede a realidade o penſamento.
A ti por ſingular entendimento
Sò compete eſte emprego ſem ſegundo,
Que da Fama pregaõ, que aſſombra o mundo,
Fora hum portento ſó de outro portento.
Igualmente em reciproca vitoria
Deſſe nome immortal a fama voa,
E da famoſa Eſther voa a memoria;
Pois ao ſom do clarim, que aos dous pregoa,
Do grande aſſumpto admira o mundo a gloria,
Do heroico plectro a fama o mundo atroa.

DO BENEFICIADO FRANCISCO Leytam Ferreyra em applauso do Author

SONETO.

Detende o voo, em que subis altivo
Alem do cume âs Musas consagrado;
Pois quanto mais vos vejo remontado,
Ficais a meu discurso inaccessivo.
Mas que digo? subi; que esse festivo
Coro ja vos acclama, & quer laureado
De esplendores do Deos, que vio trocado
O desdem da sua Dafne em louro esquivo.
Só com rayos de Febo â vossa fronte
Laurel a eternidade tecer deve
Como a Sol do poetico Orizonte;
Pois quando o engenho vosso ardente escreve
De Esther a vida, de Aganipe a fonte,
Desata a tanto ardor quanta tem neve.

DE MANOEL NOGVEYRA DE Sousa em applauso do Author deste Poema

SONETO.

FEniz sagrado, Cysne Religioso,
Que igualmente por unico, & suave
De huma, & outra purpurea, & candida Ave
Tendes o singular, o armonioso.
Sublimada por vós, por vós glorioso,
A Patria esclarecida, o Tejo grave,
Os tempos ennobreça, os campos lave
Mais que a Arabia felíz, que o Pô famoso.
E bem que de hũa, & outra pluma estranha
He armonia o fim, he vida a morte
Com applauso immortal, com doce encanto;
Cysne de Lysia vós, Feniz de Hespanha
Lograi deste, & daquelle a melhor sorte,
Sem fim a duração: sem morte o canto.

DE

DE PASCOAL RIBEYRO COVTInho applaudindo o Poema, que escreveo da Historia de Esther o R.P.Fr. Manoel Borralho,

SONETO.

VIo Mardoqueo no sono mais profundo
Clara fonte, que se aumentava em rio, Esth. cap.10
E convertendo em Sol o cristal frio,
Ao triste Mardoqueo deyxou jucundo.
Neste heroyco Poema admira o mundo
Outra fonte, que causa inveja a Clio:
Outro Sol com mais nobre senhorio:
Outro rio com curso mais fecundo.
Tudo (porque Lisboa glorias conte)
Temos neste compendio de sciencia,
Parto heroyco da mais insigne fronte;
O Sol no Author se vè com evidencia,
No assumpto, que elegeo, a clara fonte,
E o rio no profundo da eloquencia.

DE ANTONIO RAPOSO DE ANDRADA
Tenente da Guarda Real Portugueza applaudindo o Author

DECIMAS.

1

APPlaudir voßa Camena
(O' novo Apollo) he demais,
Quando vejo vos louvais
Pola voßa meſma pena;
Quantos neſte livro ordena
Verſos voßa erudição,
Louvores proprios ſeraõ,
E maravilha naõ viſta,
Que em louvor proprio conſiſta
De alguem ſeu mayor brazaõ.

2

Sò direy que juſtamente
O eſcrever oytavas préza
Voſſa Muſa, pois ſe péza
O ouro aſſim cõmummente;
E ainda que o excellente
Deſtas não chego a explicar
Em meu verſo, heyde affirmar,
Que ſerão por admiradas
Igualmente, que ſagradas,
Sempre oytavas de guardar.

¶¶ L I-

LICENÇAS

Da Ordem.

Censura do M.R.P. Prègador Gèral Fr. Jeronymo de Azevedo, Definidor primeyro da Ordem da Santissima Trindade.

SAtisfazendo ao que V.P.M.R. me ordena, li com toda a attençaõ este Poema composto pelo M.R.P. Prègador Gèral Fr. Manoel Borralho, pessoa de taõ conhecida ciencia, & engenho, que o seu nome he jà huma qualificada informaçaõ de seu acerto em tudo o que escrever. Eu confesso, que naõ podia haver para mim mais gostosa obediencia, que a commissaõ desta censura, a qual para satisfazer ao merecimento da obra, toda se devia converter em elogio, pois constãdo de trezẽtas & sessẽta & tres oytavas todas saõ exornadas de conceytos muito singulares, sentenças muito doutas, politicas muito finas, & moralidades igualmẽte proveytosas, arguindo como excellente Logico, discorrendo como cabal Theologo onde o pede a contextura do Poema, sem que lhe falte onde descreve, pinta, & compara, a gala de huma locuçaõ figurada, & elegante; & quando conta, a de hũ estylo facil, & natural, descobrindo na esterilidade das vozes do nosso idioma Portuguez todas as que lhe eraõ necessarias para se declarar com propriedade, & elegancia sem a menor violencia de soantes em tanto numero de oytavas, nas quaes nem hum apice descubro, que encontre a pureza da Fè, & bons costumes; & sò para as louvar, como julgo que merecem, quizera aquellas linguas, que se desejava multiplicar o Mantuano em empenho semelhante. Pelo que sou de parecer, que V.P.

V.P.M.R. naõ sò deve conceder a licença, que se pede, mas agradecer tambem o zelo, & trabalho de quem (jà que o Author, sendo em tudo pontual, sò quiz ser omisso nesta parte) toma por sua conta dar ao Prelo esta obra, porque se dè a conhecer, que em toda a materia tem a nossa Religiaõ sugeytos, que a illustraõ. Lisboa, neste Convento da Santissima Trindade em 16. de Julho de 1707.

Subdito de V.P.M.R.

O Pregador Gèral Fr. Jeronymo de Azevedo.

CONcedemos a licença, que se pede, tendo as mais licenças necessarias. Lisboa, neste nosso Convento da Santissima Trindade, aos 16. de Agosto de 1707.

O Provincial.

Do Santo Officio.

Censura do M. R. P. M. Frey Joseph do Espirito Santo.

ILLUSTRISSIMO SENHOR:

POr ordem de V. Illustrissima li esta Historia de Esther em oytava rima; & naõ achey cousa alguma contra nossa Santa Fè, ou bons costumes, salvo, &c. Lisboa, Convento de N. Senhora de Jesu 30. de Septembro de 1707.

Frey Joseph do Espirito Santo.

Censura do M.R.P.M. Sebastiaõ Ribeyro, da insigne Congregaçaõ do Oratorio.

ILLUSTRISSIMO SENHOR:

POr ordem de V. Illustrissima li com attençaõ, & gosto o Poema composto pelo M.R.P. Manoel Borralho da Or-

dem da Santissima Trindade. Nelle naõ achey cousa contra nossa Santa Fè, & bons costumes: antes com o deleytavel da historia ornada de muita erudiçaõ sagrada, & humana: com o elegante, & suave do metro, com o sentencioso dos cõceytos deleyta, & juntamente instrue os animos, para que se fundem na verdadeyra humildade, & confiança em Deos, unicos instrumentos com que se segura a roda da Fortuna de sorte, que naõ desande em nossa ruina. Nem escapou à summa advertencia do Author formar do argumento deste livro outro com q̃ no fim delle por Apostrophe aos Judeos convence a sua cegueyra, & pertinacia; & he o mesmo de que usou o Doutor Maximo da Igreja Saõ Jeronymo; porque se no tempo de Esther, & em todo o mais em que por differentes vezes por justo castigo de sua idolatria estiveraõ sugeytos a Reys estranhos, sempre Deos os ouvio para os aliviar, & livrar de seu cativeyro; nenhum outro peccado, sobre a malicia da idolatria, que os Judeos abominaõ ha tantos seculos, póde avultar para o castigo, que padecem, que o Deicidio, que commetteraõ, crucificando o mesmo Filho de Deos, & perseverando hoje na mesma incredulidade, & odio a nosso, & seu Salvador JESU Christo. Pelo que por nenhum principio se deve negar a licença para se imprimir este livro, em cuja liçaõ se póde empregar a curiosidade sem perigo, & naõ sem fruto. Isto he o que me parece. Lisboa Congregaçaõ do Oratorio, em 7 de Abril de 1708.

Epist. ad Dardan. in fin.

Sebastiaõ Ribeyro.

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir a Humildade Triunfante de que trata esta petiçaõ, & impressa tornarà para se conferir, & dar licença, & sem ella naõ correrà. Lisboa 10 de Abril de 1708.

Carneyro. Hasse. Monteyro. Ribeyro.

Frey Encarnaçaõ. Rocha.

Do

Do Ordinario.

Pode-ſe imprimir, & depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, & ſem iſſo naõ poderà correr. Lisboa 15. de Mayo de 1708.

Sylva.

Do Paço.

Cenſura do Deſembargador Gonçalo da Cunha Villas-boas, Corregedor do Civel da Corte.

De rigoroſa juſtiça commetteo V. Mageſtade a cenſura deſte livro à minha profiſſaõ, porque a profiſſaõ das Leys là tem hum grande parenteſco com a nobreza da Poeſia; & taõ grande, que o Emperador Juſtiniano achou a mayor parte do Direyto Civil eſcrita em mais de trezentos & dez mil verſos, como elle meſmo refere na confirmaçaõ dos Digeſtos nas ſeguintes palavras:

Et pluſquam trecenties decem millia verſuum, quæ neceſſe eſſet omnia & legere, & perſcrutari.

De que ſe moſtra que tambem os antiguos Juriſconſultos foraõ Poetas; & concordàraõ eſtes taõ elegantemente a ſeveridade das Leys com a ſuavidade dos verſos, que por muitos ſeculos ſerviraõ as ſyllabas de Textos.

Tubal neto de Noè, que foy o primeyro que deu Leys ao mundo depois do diluvio univerſal, eſcreveo as ſuas Leys em verſo, como refere com muitos, & graves Authores Antonio de Souſa de Macedo no ſeu Tratado de *Ave, & Eva Part.* 1. *Cap.* 11. *§.* 5 & tanta eſtimaçaõ teve ſempre a Poeſia na opiniaõ da Juriſprudencia, que muitas vezes ſe valèraõ as Deciſoens juridicas das authoridades Poeticas.

Confirma-ſe eſta verdade por diſpoſiçoens expreſſas do meſmo Direyto: *Ex princip. Inſtit. de jure naturali §. ſed jus quidem*, ibi:

Subauditur apud Græcos egregius Homerus; apud nos Virgilius.

Textus in leg. qui venenum 236. *ff. de verbor. ſignificat.* ibi:

Admonet nos ſummus apud eos Poeta Homerus.

Textus in leg. In tantam 6. *§. final. ff. de rerum diviſion.* ibi: *Sicut teſtis in ea re eſt Virgilius.*

Inſtit. de lege Aquilia, ibi: *Sic denique & Homerus in odyßea ait.*

Textus in leg. aut facta §. eventur. ff. de pœnis, ibi:

Ut apud præcipuum poetam ſcriptum eſt.

Miniſtro da mayor ſuppoſiçaõ foy Moyſés no povo de Deos, & prezou-ſe muito de haver ſido Poeta diante do Senhor: *Cecinit Moyſes carmen Domino. Exod. cap.* 15. *verſo* 1.

Naõ he logo alhea da noſſa profiſſaõ eſta cenſu-

ra;

ra, antes fez tanto caſo da Poeſia o noſſo Direyto Civil; que reveſtio das authoridades Poeticas a ſua contextura.

Nem he de menos eſtimaçaõ o religioſo eſtudo, com que o Author deſte livro eſcreveo em verſo heroyco o Real aſſumpto do ſeu Poema, porque a meſma Igreja no differente metro dos ſagrados Hymnos, coſtuma offerecer a Deos os mais religioſos, & reverentes cultos, como tambem os dedicava nos Pſalmos, & Canticos que compoz, inſigne Poeta, o S. Rey David, como diz o Paralipomenon no *l.2.c.7.*

Sacerdotes autem ſtabant in officijs ſuis, & levitæ in organis carminum Domini, quæ fecit David Rex ad laudandum Dominum.

E ſe os Reys, & os Santos fazem verſos para louvar a Deos; & os Juriſconſultos eſtabelecem em verſo as ſuas Leys para governar o mundo; naõ he menos digna de louvor eſta obra, em que o Author com tanta erudiçaõ, & elevaçaõ de eſpirito empregou a ſua religioſa occupaçaõ.

Converta-ſe pois a cenſura do livro nos elogios que merece a obra; regiſte-ſe o livro nos volumes da eternidade; voe nas azas da fama; coroe-ſe com os louros de Apollo; canonize-ſe com os creditos da Religiaõ, glorioſa Mãy de hum taõ egregio filho; & V. Mageſtade lhe deve conceder a licença que pede,

de, porque naõ achey em todo elle circunſtancia alguma que ſeja contra o Real ſerviço de V. Mageſtade. Lisboa 6. de Junho de 1708.

Do Corregedor do Civel da Corte

Gonçalo da Cunha Villas=boas.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo tornarà á Meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correrà. Lisboa, 11. de Junho de 1708.

Duque P. Oliveyra. Lacerda. Botelho.

EStà conforme com o ſeu original. Lisboa na Caſa de Noſſa Senhora da Divina Providencia 6. de Agoſto de 1708. *D. Antonio Caetano de Souſa.*

VIſto eſtar conforme com o original, póde correr eſte livro. Lisboa 7. de Agoſto de 1708.

Carneyro. Moniz. Hoſſe. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ.

POde correr. Lisboa 11. de Agoſto de 1708.

Sylva.

TAxaõ eſte livro em co. reis. Lisboa 11. de Agoſto de 1708.

Duque P. Oliveyra. Lacerda. Botelho.

ERRATAS NA SEGUNDA PARTE.

Depois da Oytava 78. lea-ſe a Oytava 82. que ſe poſpoz por inadvertencia. Na Oytava 16). v. 3. onde ſe repete a palavra ſoberano. *Lea-ſe* ſobrehumano.



1


O Vaſto Imperio, que do Invicto Belo
Eſſa, que o nome ſeu ſegue glorioſa
Fadiga, dilatou ao paralelo
De quanto tem por berço a luz fermoſa;
Até o vil Tonoſcon, que ao nobre anelo
De Mavorte prefere a injurioſa
Paleſtra, onde ſaõ as armas flores,
A belleza o contrario, o aſſalto amores.

2

Jà de Aſſuero, a quem do egregio Cyro Cocio Æneid. 3.ib.14.
O ſangue caracteres rubricava
De valor, que das veas no retiro
A generoſa alma interpretava,
Leys recebia, & no immenſo giro,
Que do Indio diſta o Ethiope, aumentava
Da Fama, que no aplauſo ſeu ſe eſmera,
Voz ao clarim, & ao voo esfera.



3

Este Monarca pois sempre a mais nome
Anelando, em hum celebre convite
A innumeraveis saciando a fome,
De fama quiz saciar seu apetite;
E sem fazer reparo, em que consome
Thesouros, que imagina sem limite,
Que sua mesa vio, quer, que se conte
Quanto o ar corta, o mar fende, & piza o monte.

4

Não se vio casta de voadora ave:
Não houve especie de nadante peyxe,
Que ou por grandeza, ou por sustento suave
De apparecer neste convite deyxe;
Quadrupede nenhum, que a selva grave,
Ou manso o abrigue, ou feroz o anexe,
Sacrificio deyxou de ser severo
A' larga vaidade de Assuero,

5

Se o Fenix, que com tanto desafogo
A' voluntaria morte se convida,
E de hum Pay tam esteril, qual he o fogo,
Recebe novamente a doce vida:
Se o Pelicano, a quem o mudo rogo
Dos filhinhos no peyto abre ferida,
Naõ saõ parto hum, & outro à natureza
Suposto, exposto o foraõ nesta mesa.

6

A ter montes a Lua, a ter outeyros, Xenophan.
Como quiz opiniaõ pouco acertada,
Lá mandàra Assuero os seus monteyros,
A buscar nova caça, & desusada:
Se o nectar, & a ambrosia verdadeyros
Julgàra ser, da etherea morada
Os mandaria vir, que a esse Emisferio
Chega o delirio seu, senaõ o Imperio.

7

Mas que ludibrio teu ô sorte humana!
Que escandalo em teus largos pensamentos,
Ser de tua vaidade a gloria insana
Hum, que fizeste, roubo aos Elementos!
Se o mar cobres de laços, da leviana
Seta os ares, & os bosques mais isentos,
Para alentar na mesa, a que convidas
Com milhares de mortos breves vidas.

8

Hum exercito cinge de criados
As regias mesas, que na bateria
Quanto continua mais, mais esforçados
Os mesmos, que a recebem, conhecia;
Era em huns para ver, como alentados
Sostinhaõ a gratissima porfia,
E esses naõ menos, que deyxando o posto,
Jà davão costas, jà faziaõ rosto.

9

Entre delicias tantas, com grandeza
Igual ao mais, o fruto se reparte,
De que, se doce prato a natureza,
Mais doce copo offerece a arte;
Desse, a que a verde estirpe mais nobreza
Cõmunicou, & em que sò o Rey tem parte,
Aos convidados todos se apresenta
Opiniaõ, que a sede lhes augmenta.

10

De Assuero a soberbissima morada,
Na traça labyrinto, & no que brilha
Cidade de ouro às nuvens levãtada,
Vencendo as sete oytava maravilha:
Nembroth dos edificios, que a elevada
Grandeza dos mais celebres humilha,
Ou jà outro Zodiaco se crea,
Por onde o Sol do Rey tambem passea.

11

Era o lugar do celebre convite,
Bem que outro em qualquer sala se offerece
Ao sentido, em quem seu apetite
Tanto he mayor, quanto o objecto cresce;
Nunca da nova iguaria o invite
Com fastio o encontra; nem conhece
Gasto ao que gosta, & para mais nobreza
Duas meninas o servem sempre á meza.

12

Deste pois nessas salas à porfia
O gosto em pinturas se empregava,
Em que ao tacto sò temer podia
O que o douto pincel equivocava;
Porque taõ vivo o humano parecia,
Taõ proprio o insensivel se ostentava,
Que a mesma arte, se hum pouco se esquecèra,
A verdade em qualquer desconhecèra.

13

Naõ foy por algum destes retratado
O racimo das uvas, que pendente
Da pampinea vara, o enganado
Passaro busca em voo diligente;
Porque nunca o painel fora rasgado
Do Zeuxis; que errar julga seu ciente
Pincel em o menino, a quem fiàra
A fruta, que das aves naõ guardàra.

14

Em outros a Real tapeçaria
Tanto mostrava do metal mais bello,
Que a muitos com razaõ lhes parecia
Obra, naõ do tear, mas do martello;
O primor dos lavores descobria
Entre artifices dous hum paralelo,
Da aurea materia o Sol claro,
De textura admiravel hum sò raro.

15

Nas insignes memorias, que ostentando
Estaõ os Regios panos, o primeyro
Era o famoso Cyro, exercitando
No fingido hum Imperio verdadeyro;
Bem se vio no rapaz, que porque ao mando
Resiste seu, castiga taõ inteyro,
Que, com ser Rey por jogo, nesse trato
Naõ quer dar o respeyto de barato.

16

Admirado està o Avô (sem que o conheça)
Do que o pequeno rustico responde,
Mas não duvida, que o sayal lhe teça
Nuvem, que origem mais lustrosa esconde;
E ao Pastor cõmmando, que obedeça
Em logo declarar a estirpe, donde
Cyro descende, ser o ramo nobre,
Que, porque o assombra quiz cortar, descobre.

17

Os do conſelho ſeu mais adiante
O eſtaõ perſuadindo a que naõ tema
O preſagio fatal, porque he conſtante,
Que ſe comprio no ruſtico diadema:
Cede o Rey ao diſcurſo delirante,
Ou cede aos ſegredos, que a ſuprema
Cortina eſconde, a que a aſtucia humana,
Quando mais cuyda penetrar, ſe engana.

18

Jà outro rico pano collocado
No ſolio o moſtra, de que ao Avô priva,
Mais, que da ambiçaõ, deſſe obrigado
Deſejo da vingança, ſempre viva:
He o aggravo caracter eſtampado
Na alma, que, ou por nobre, ou por altiva,
Ao ſangue, quando jà a morte alcança, Gen. 4.
Encomenda mil vezes a vingança.

De

19

De seu esforço varios triunfos logo
Descobre o holoserico aparato,
Se das campanhas antes duro afogo,
Destas salas agora ayroso ornato;
Porque a guerra, esse monstro, que atroz fogo
Respira de cadaveres rodeado,
Tanto soe distar de grato a esquivo,
Quanto tambem de estar pintado, ou vivo.

20

Sobre a pyra fatal, supplicio horrendo,
A que o Rey vencedor o sentenceàra,
Se vè Cresso tambem, jà conhecendo,
Que Solon a verdade lhe falàra;
Cyro lhe quer perdoar, porèm crescendo
O incendio, a piedade lhe estorvàra,
Se hum chuveyro naõ mostra prodigioso;
Que o Ceo sò sabe a tempo ser piadoso.

21

A Cyro se seguia esse famoso
Cambisses, de que inda hoje teme o Egypto,
Naõ menos de seu braço valeroso,
Que da vara do Hebreo antigo aflito;
Do Pelusio o diga esse espaçoso
E infeliz campo do fatal conflito,
Onde ver naõ cuydava o Egypcio el angue
Dous Nilos, hum de agoa, outro de sangue.

22

O Rey vencido aos pés tem, recolhendo
As lagrimas no peyto em tanta magoa,
Como a de ver a filha jà trazendo,
Onde antes o diadema, a jarra de agoa;
E se a destila de seus olhos vendo
Da pobreza o privado em dura fragoa
Naõ ser, nos mostra assim, o Rey prudente
O que se chora, o mal, que mais se sente.

Tam-

23

Tambem o Invicto Histaspes se descobre
Da gala de duas azas adornado,
Hũa, que a Asia, outra a Europa cobre,
Que em sonhos lhe deu jà propicio o fado;
Mostrando està, que além da estirpe nobre,
O singular valor, de que he dotado,
Deve não menos ao criado astuto
O claro Imperio, que à payxaõ de hum bruto.

24

Naõ era em outros vista menos grata
O Xerxes, que ou de vão, ou de furioso;
Porque a ligada ponte lhe desata,
Seus cristaes quebrar cuyda ao pègo undoso,
E logo com igual insania trata,
Grilhoens lançando ao fundo procelloso,
De aprisionar os pès do que em seus braços
A armada de mil nàos lhe fez pedaços.

25

De esmeralda, de pórfido, & safira
Das regias salas era o pavimento,
Onde o cinzel, que flores mil abrira,
Formàra hum prado do Inverno isento;
Se tanto naõ he jà o que delira
Da vãa soberba o largo pensamento,
Que, no que abate essas luzes bellas,
Se quer persuadir, que piza Estrellas.

26

Dos leytos, brando assento, & costumado
Nesses convites da Asiana gente,
Naõ tinha em muitos outro experimentado,
Que de Cynthia o metal, da lima o dente.
Só o numero seu, que o imaginado
Excedia, podéra taõ sómente
Tanto preço abater, que o innumeravel
Priva a mesma riqueza do estimavel.

Tam-

27

Tambem desse, a que o filho de Latona
O ser comunicou, & a cor preclara;
E entre os de escuro vulto he o que a zona
Mais ardente so vê de linda cara,
Se ostentaõ muitos, & em qualquer se abona
O Artifice tanto, que estimara
O Sol, vendo o louvor, que a essoutro sobra,
Fosse mais sua, que a materia, a obra.

28

Nos pavelhoens a alta bordadura
Do precioso aljofar persuadia,
Que este nas aureas ondas, que a textura
Com primor debuxava, lhes nascia.
Dignamente á pompa, & fermosura
Das mesas se dedicão, pois seria,
Se estivessem ao sono destinados,
Agravo os olhos ter ahi cerrados.

29

Não erão poucos os que achavão mesa
Nos jardins admiraveis, onde a arte
Socorrendo engenhosa a natureza,
Era da maravilha a melhor parte;
Pois quanto de algum modo com rudeza
Inculta esta produz, essa o reparte,
E traça tão sutil, que pelo invento
O que era natural, fica portento.

30

Dos jardins aumentavão os aseyos
Varias fontes de pedras peregrinas,
Que despedião de seus duros seyos
Brando alimento á copia das boninas;
Não alegravão pouco os gestos feyos
De alguns peyxes, que as ondas cristalinas
Despedião, mostrando com verdade,
Que ha tambem fermosura na fealdade.

31

Mas se da undosa prata, que baxava,
Das plantas se alentavão os verdores,
Pela que altiva ao Ceo se remontava,
Vinhão do Sol mais brandos os ardores:
Vista tão singular não se mostrava
Que, a destes cristaes puros, que entre as flores,
Ou subão leves, ou ja desção graves,
Huns se tornão serpentes, outros aves.

32

Do excellente metal, que o Sol retrata,
As taças ricas nas soberbas copas
Essa vista formavão bella, & grata,
Que dos baxeis no mar as aureas popas;
Outras erão huns montes, que de prata
Cobrião varias, & galhardas tropas,
Milicia, que com mais seguro effeyto
Costuma conquistar o humano peyto.

33

Da musica o armonico concento,
Que à delicia da mesa se ordenàra,
Melodia syrena, o mais attento,
Nesse mar de iguarias, o julgàra;
E a chegar onde o Imperio logra o izento
Plutaõ lá sobre as almas, libertàra
Naõ hũa sò, como do Tracio o canto,
Mas quantas esse Reyno tem do espanto.

34

A quanto ha Nobre, Grande, & Potentado
No vasto Imperio mostra a regia mesa,
Que, onde mais sobir póde o exagerado,
O prologo naõ faz desta grandeza;
E do real vencido o imaginado,
Conhece nesta acçaõ, ser com largueza
E inimitavel pompa, ao apetite
De todos os sentidos hum convite.

35

Cento & oytenta vezes jà trocava
Por prata Febo seu immenso ouro,
E outras tantas do Oriente se tornava
Com igual cabedal, igual thesouro;
E ainda no convite em que ostentava
Assuero seu poder, tem por desdouro,
Que esse, que o Nobre, porq̃ o goza, o acclama,
Os da plebe o conheçaõ sò por fama.

36

De sete dias mais quiz que o espaço
Lugar dé, que de Suza o Povo extenso
Goze as reaes delicias, onde escaço
Se julga, senaõ sobraõ ao immenso;
Nem outro jà se via, que ao seu Paço
De hum numeroso exercito o infenso
Assalto; mas o Rey, que o de soldados
Naõ teme, o estima ter de convidados.

37

Esse, que em sua mesa saciava
Hum Povo immenso, & à fome, que padece
De louvor lisongeyro, naõ bastava
Quanto este a boca chea lhe offerece;
A buscar nova causa se applicava
Do vanissimo applauso, que apetece,
Mas tal, que o suppoz gosto, & acabou pranto,
Cuydado foy delirio: ouvido espanto.

38

Era entre os Persas ley, que recusado
Naõ fosse por alguem o desvario
Desse mais que, de corpo a corpo, errado
De copo a copo, grato desafio;
Quiz porèm Assuero exterminado
Da regia mesa este imprudente brio,
Que logo, que a medida justa excede,
Furioso tambem a espada mede.

39

Sem duvida lhe lembra o desatino
Desses, que ao Macedonio jà mandàra
Dario embayxadores, que o benigno
Favor profanaõ, com que os hospedàra;
Vingado logo dos, que o feminino
Vestido occulta, & a industria armàra,
Tirandolhes das veas com carinho
Falso, no impuro sangue o puro vinho.

40

Mas o Rey, que intentou com tanto acerto,
Que na esplendida mesa, que offerece,
Lugar naõ tenha o ebrio desconcerto,
Que a dos Lapitas jà tanto escurece;
Mostrou logo, faltando ao justo aperto
Da ley, que nobremente estabelece,
Que esta nunca à Republica aproveyta
(Se naõ se observa bem) sò por bem feyta.

41

Nem sem o exemplo real, bem que em diamante
Se chegasse a escrever, serà guardada
Mais largo tempo, que se na inconstante,
E facil onda jà fora dictada;
Antes o que obra o Principe, o constante
Dictame serà sempre, & a observada
Ley do vassallo, que se persuade,
Se ennobrece imitando a Magestade.

42

Este Monarca pois, que o generoso
Timbre, em que Apollo seu pezar desconta,
Quiz trocar pelo pampano ebrioso,
Que o brioso da real fronte lhe afronta;
Agora nos mostrou, que com forçoso
Applauso entre os mais celebres se conta
Quem disse, que a seu peyto humilde cria
A vide o, a que o Rey obedecia.

43

O' sempre indigna, & cega ebriedade,
Quem teu proceder vil, teu trato feyo
Póde explicar, se nunca a lealdade,
A justiça, a razaõ coube em teu seyo?
Se outro naõ he, que vaso de maldade
Esse teu copo exhausto, & logo cheyo,
Nem o esto no fluxo de teus mares
Outra, que larga enchente de pezares?

44

Quanta desgraça, infortunio quanto
Acompanhaõ teu vaõ contentamento,
Naõ deyxando jà mais de agoar o pranto
Teu licor de pezares nunca izento;
Se tanto dano jä, se mal jà tanto
Naõ assombraõ teu cego pensamento,
Ve, que a taça, que larga te convida,
Ou te pertende morto, ou homicida.

45

D'aguda lança o diga atravessado
O infeliz, se valeroso Clyto,
No campo naõ de Marte acreditado,
Mas si do insano Baco no conflito:
O Macedonio o diga, que (aplacado
Jà seu ebrio furor) pertende aflito
Do triste caso, sobre o corpo exangue,
Quanto em vinho bebeo, verter em sangue.

46

Tambem te lembre Amon, que no convite, Reg. 2. cap 13.
Que do Irmão a perfidia lhe ordenàra,
Paga do licor puro no apetite,
Quanto jà no do impuro amor peccàra:
No valeroso Hebreo, que poz limite Mach 1. cap. 14.
Do Assyrio aos exercitos repara,
E a seu valor as palmas merecidas
Veràs do humilde pampano abatidas.

47

O' quanto menos pois, do mar horrendo
Deves temer a furia desmedida,
Que a das ondas de Baco, em que estàs vendo
Naufraga a honra, a fazenda, & a vida;
Mas como não serà nesse estupendo,
Se doce pégo, o estrago sem medida,
Onde o humano baxel, que se lhe entrega,
Logo sem leme da razam navega?

48

Nem de Noè te nega a sossobrada
Prudencia em tanto pégo o mesmo aviso,
Pois ves, quando nessoutro bem livrada
Sua vida, naufragar neste o seu siso;
E se para cobrir a declarada
Nudez do velho, aos dous Irmãos preciso Gen. 9.
Foy largarem as capas, jà conheces,
Que sò por junto aos ebrios, o pareces.

49

Tendo pois ao real ſolio admitido
Aſſuero a honeſta Vaſthi, a quem o imperio
Foy tambem da belleza concedido
Pelo que rege hum, & outro emisferio,
Que a vejaõ todos, quer taõ ſem ſentido
Deſta imprudente acção no vituperio,
Que naõ vè, buſca â regia Mageſtade
Adulteros, ao menos na vontade.

50

Que do aureo diadema entre adornada
Ao convite, onde tanto povo a veja,
Lhe manda, porque o vaõ ſempre cifrada
A ſua gloria tem na alhèa inveja;
E porque entendia o Perſa neſſa uzada
Adoraçaõ ao Rey (ou Nobre ſeja,
Ou da Plebe) ſer culto mais forçoſo
Ao que de huma Deidade he digno eſpoſo.

51

Hum pasmo foy a Vasthi o pensamento
Do quasi insano Rey, modos discorre,
De se escusar de hum sò ao nescio intento,
Em que de muitos no desprezo encorre;
Porque sem o honesto retrahimento
Perigos mil a fermosura corre:
Perde sempre na vista licenciosa
A graça, que nas mãos a bella rosa.

52

Lembra-se que he na Persia antigo uso
Naõ assistir nos publicos convites
Nobre mulher, & que sómente o abuso
Das impudicas passa esses limites;
Tam justa ley ao Principe profuso
Em suas vaidades, & apetites,
Lhe quiz a honesta Vasthi pôr diante;
Mas que ley vence ao gosto de hum Reynante?

53

Recusou logo este a offerecida
De embargos â injustissima demanda,
Porque nestas a Ley mais recebida
Naõ he a do que allega, he a do que manda;
E porque na que ordena repetida
Instancia, o gosto seu, nada mais branda
Nota a Rainha, em espaço pouco
A louco de ira passa o de amor louco.

54

Com incendido rosto, & voz pezada
Pelo cristal dos olhos descobrindo
A, que no peyto tem, dor reprezada:
No animo o amargor, que está sentindo;
Aos conselheyros, de quem mais se agrada,
A seu lado incessantes assistindo,
Assi pergunta, posto que a ira fea Proverb. 16.
De hum Rey, se assi pergunta, sentencea.

Serà

55

Serà bem neste Imperio, ó Juizes rectos,
Que a soberba se jacte de triunfante,
E que sirvaõ do Principe os decretos
De ter, que desprezar huma arrogante?
De meu conselho sois os mais selectos,
E quero em caso tal vossa constante
Sentença ouvir, sem que entre algum respeyto
(Veneno da justiça) em vosso peyto.

56

He Astrea Rainha soberana,
Se a Vasthi a condecora o diadema:
Essa o supremo solio occupa usana,
Se he no de meu Imperio esta a suprema;
Nem, que do vosso parecer liviana
Causa me aparte, a sentença tema,
Porque entre as duas attento considero,
Que de hũa he esposo o Rey, de outra Assuero.

Entre

57

Entre os deste Conselho hum de mais nome,
(Mamuca era o seu proprio) & sustentava
Das rendas da lisonja a larga fome
Da cobiça, em que o peyto se abrazava;
Sagáz temendo, que se a empreza tome
De defender a Vasthi, o que gozava
Favor, perca do Rey, taes razoens tece,
Em que grato veneno lhe offerece.

58

Que amais (senhor) a Vasthi considero,
Que zelais vejo a regia authoridade,
E a occasião temo, em que ou Juiz severo
Me conte Amor, ou infesto a Magestade;
Mas pois ouvir quereis (Grande Assuero)
O meu dictame neste da vaidade
Da Rainha delito exorbitante,
Ouçame o Rey somente, & não o Amante.

Por

59

Por Ley de Esposa ao Hymeneo sagrado:
De subdita por Ley ao mando regio
Faltou Vasthi, & se em crime declarado
Toca este, sóbe essoutro a sacrilegio;
E ao ver de hũ Deos, & hũ Rey hoje ultrajado,
Neste delito seu, o foro egregio,
Razaõ naõ leve, a que he, me persuade,
Contra Divina, & humana Magestade.

60

Mas quando naõ tocasse no Divino,
Que tributo recebe a preminencia
De Esposo, & Rey por natural destino,
Mais propriamente seu que a obediencia?
Sem esta o diadema, & o ouro fino
Do Sceptro hum Rey deyxaõ na apparencia,
E o que da propria esposa obedecido
Naõ he, será casado, & naõ marido.

E qual

61

E qual poderá ſer de hoje em diante
A que render obediencia queyra
A ſeu Eſpoſo já, & da arrogante
Vaſthi não ſeguir pronta a bandeyra?
O vicio na mulher mais dominante
Foy ſempre a vaidade, & na ligeyra
Condição ſua, a culpa da Rainha
Jà para o ſer de todas ſe encaminha.

62

Não duvido, que ao neſcio, & imperito,
Da ſoberba eſte caſo eſcandaloſo
Se pertenda paſſar com ſobreſcrito
De honeſtidade, ſempre eſpecioſo;
Mas quando não foy proprio do delito,
Retirar ſe ao ſagrado? & o licencioſo,
Ao vicio ſeu, para eludir o rude,
Sobrenome não deo de hũa virtude?

63

Mas quero, que à virtude a generosa
Rainha neste caso hoje attendesse;
Deyxaria de apparecer virtuosa
Sempre, que obediente apparecesse?
Entre as virtudes nunca sospeytosa
A obediencia foy, porque sò esse
Exercicio, o mais proprio da humildade,
Naõ póde ser tocado da vaidade.

64

O estado dos que cingem o diadema,
He no mundo o mais alto, & soberano;
Nem crerey facilmente que este tema
O vulgo em seus juizos leviano;
Tudo he honesto aos Reys, nem na suprema
Condiçaõ de Rainha cabe ao dano
Attender de hum ousado vituperio;
Menosprezar quiz Vasthi o vosso Imperio.

Pelo

65

Pelo que, neste caso, considero,
Que naõ sem grande causa vos commove
Hoje a hum castigo tal, que por severo
Qualquer o tema, quando o naõ approve:
E se ao zelo attendeis, que taõ sincero
A dizer, o que sinto, aqui me move,
Huma injuria trareis no real diadema,
Quando a culpa dos grandes o naõ tema.

66

Faça-se pois ó Rey (se vos parece)
Sem mais demora hum rigoroso edicto,
Em que o rumor da culpa, que jà cresce,
Se acompanhe da pena do delicto;
Porque inda que este em si nunca fenece,
E he fertil hum peccado em infinito,
Succede assim, se o vè sem pena o mundo,
Mas, vendo-o castigado, he infecundo.

67

Conste, que para sempre o regio leyto
A Vasthi lhe negais, que indecoroso
Serà, que se ultrajou vosso respeyto,
Naõ vos prezando Rey, vos tenha esposo;
E se de Astrea o sois, como em effeyto
O he quem reyna, em caso taõ forçoso,
Que esta sò podeis ter (lembrar-vos quero)
Como Rey, mil porèm como Assuero.

68

Nem serà de estranhar, que entre hũa esposa,
E outra, prefirais a Vasthi Astrea,
E menos, de que exclua a mais fermosa
Essa, a que o seu delito tanto afea;
Temey sò, que se Astrea â magestosa
Dignidade pertence, alguem vos crea,
Sem esta, & com Vasthi a vosso lado,
Rey viuvo, & Assuero desposado.

69

Esta a sentença foy, que artificioso
Ao Rey propoz o iniquo conselheyro,
Que em razoens sempre o mais especioso
He, no que dicta, o menos verdadeyro;
A lingua da verdade ao engenhoso
Do estylo attende pouco, & o primeyro
Estudo do fingido he sempre a gala
E o affectado enfeite no que fala.

70

A mentira, espirando jà a verdade,
Por se lhe parecer, o seu vestido
Lhe roubou, & com ter habilidade,
Accommodallo bem nunca ha sabido;
Teve com a rethorica amizade,
E tanto o seu engenho lhe ha valido,
Que sempre, que hade apparecer, he este
O que a mentira de verdade veste.

71

O Logico, & o Rethorico figuras
Usárão sempre, & as desse (se o reparas)
O falso nos descobrem, sendo escuras,
Quando as deste o escondem, sendo claras;
Se o verdadeyro pois saber procuras,
Não te fies de hũa arte, em que nas raras
Invençoens, de que usa, sò se aspira,
A que o não pareça a que he mentira.

72

Desta o veneno em seu discurso esconde
O eloquente Mamuca ao Rey, que ufano
Tão grato bebe, como essoutro, donde
A origem teve seu furor insano.
Mas, se com rosto alegre o corresponde,
Inadvertido a seu futuro dano,
Brevemente o verà, quando outra hora
Chore o Amor o que a ira applaude agora.

73

Que ſe execute, quer, logo a ſentença
Que o conſelheyro perfido dictàra,
E do Paço ſe aparte ſem detença
Eſſa, que o coraçaõ jà lhe occupàra;
E quem de tantos sò para a preſença
Da bella Dama os olhos convidàra,
Porque a todos, que os ſeus naõ ſaõ, eſquiva
Se nega, de que os veja, ingrato a priva.

74

O' falſo humano amor, todo quimera,
Reclamo infiel, certo inimigo,
Sempre bem hoſpedado da ſincera
Vontade inadvertida a ſeu perigo;
Quem os eſtragos teus naõ conſidera?
Quem a eſtar chega jà taõ mal comſigo,
Que de hum cego ſe guie, & de hum inſano
Palavras ouça, affagos de hum tyranno?

75

De promessas jà tens ricos os ventos:
Queyxosos dos perjurios os altares,
Nem terás Nume algum, que teus intentos
Fie (nam profanado) se o buscares;
Sempre entras com armonicos acentos,
Sem que em desafinar, logo repares,
Ou que ao mar de teus largos desvarios
Depois corrão das lagrimas os rios.

76

Quem jà do vento te julgou gerado,
E do Iris celeste, foy prudente, Eustac. Cómẽt. de Hom.
Se outro não es, que hum moto infatigado,
E parando, o ser perdes certamente:
Se alegres cores mostras, & nublado
O Ceo de teus contentos de repente,
Segue teu desatino, & vaidade
De infortunios escura tempestade.

77

Deyxe pois quem da magoa mais crescida
Livrar-se quer, de amor o pensamento;
Que amar, sem ser amado, he infeliz vida,
Amado sem amor, assás tormento;
E se a amar amado se convida,
Conheça, que frustrado seu intento,
Esses verà com danos excessivos
Oppostos, que sò busca relativos.

78

De Filis o adverte a infeliz morte:
Da generosa Dido a aguda espada:
De Thamar o publîca a triste sorte:
Ariadne o clama na ilha inhabitada;
Porque no monte inculto, & nobre corte
Tenhaõ do cego Amor na costumada
Tyrannia, que pouco consideras,
Estrago os homens, & desculpa as feras.

79

Intimou-se à honestissima Princeza
O barbaro decreto, que recebe
Como parto da ira, na presteza,
Com que este monstro pare o que concebe;
E ao cuidar tanto mal, como a fereza
Dessa cruel sentença lhe apercebe,
De seus olhos o pranto, em tanta magoa,
Bem mostra o segue ao Sol nublado a agoa.

80

Nem jà no lindo rosto, onde a mimosa
Assucena às mais flores presidia,
E a cor purpurea, a que inveja a rosa,
Exhalação em Ceo sereno ardia,
Se ostenta a graça, porque a rigorosa
Dor, que sente, fez sò, que o que se cria
Lirio entre as agoas, das que vem descendo
Das fontes de seus olhos, va crescendo.

81

Julgàra alivio, a culpa em tanta pena
Reconhecer, que ignora justamente,
Vendo sò, quanto escusa, onde condena
O desditosa ser, ser delinquente;
Mas quando do incivil Juiz se ordena
O mal, sempre ao processo do innocente
A alma, que esse naõ tem injusto, & ficto,
Serà nessoutro o corpo do delicto.

82

Ao deyxar pois a regia morada,
Jà naõ outro aos olhos se apresenta
O nobre Paço, que o Polo, a quem negada
Se nota a luz, que Febo delle ausenta;
Das sombras da tristeza acompanhada
A que de gloria esfera foy, se ostenta,
Da vista, digo, desse bello rosto,
Que a illustrava Sol, & se lhe ha posto.

Mas

83

Mas como dirà agora o doce metro
Os tristes pensamentos, nessa escaça
Sorte desta Rainha, na do Sceptro
Perda, em que o viver sôbra à desgraça?
Assumpto o considero de algum plectro,
Onde a voz rouca, & a clavisa laça,
Funebre o canto, o tom desafinado
Do animo retrate o perturbado.

84

Naõ cuyde, que da luz a falta sente
Quem nunca conheceo seus resplandores:
Esse, que naõ foy rico, naõ lamente
Da pobreza as molestias, & os rigores:
Naõ accuse a fortuna de inclemente
Quem naõ gozou jà mais de seus favores;
Porque sò chega a ser mal verdadeyro
O bem, que jà naõ he, & o foy primeyro.

85

Porèm de tua queyxa, he aſſás conſtante,
O' linda Vaſthi, que inda encontra eſtreyto
Lugar na terra, & Ceo, & que adiante
Naõ podendo paſſar, torna a teu peyto;
Pois jà de quanto bem no dominante
Solio gozavas: quanto no reſpeyto
Do nobre Sceptro, o que sò te alcança,
Para mayor tormento, he a lembrança.

86

Que he a lembrança em fim do bem paſſado,
Da gloria, que acabou, do eſtado antiguo,
Sombra, que, por de hum corpo, que ha eſpirado,
Aſſombros sò, & horrores traz comſigo;
He companhia, em quem de todo o agrado
A ſolidaõ ſe acha, & por caſtigo
Mayor, ſe he ſolidaõ, he taõ eſtranha,
Que dos pezares todos ſe acompanha.

Naõ,

87

Não te assombre porèm, ó generosa
Princeza, o infeliz caso, porque em tanto
Merito à sorte, jà sempre ciosa
Da virtude, causavas largo espanto;
Benemerita menos, se a ditosa
Aspiravas, devias ser, pois quanto
A fortuna dá cega aos do seu gremio,
Merce se ha de suppor, mas nunca premio.

88

Nem quanto nas razoens suas o astuto
Conselheyro dictou, deyxa eclipsado
De teu nome o esplendor com mayor luto
Que esse, que ao Sol lhe corta o vil nublado;
Menos o que decreta pouco enxuto
Do exhausto licor o alienado
Monarca, que sò então do regio assento
Te priva, quando a sy do entendimento.

89

Mas inda, que o ingratissimo Assuero
Te divida do Solio merecido,
Que deyxas de reynar, naõ considero,
De coraçoens num povo enternecido;
Nem, que esse, que em teu merito venero
Diadema da virtude o mais luzido,
Jà mais te falte, se he o que importuna,
Porque o naõ dà, naõ tira a vil fortuna.

90

Logo porèm, que aquella insania breve,
Eclipse da razaõ, violencia d' Alma:
Essa, que entre as payxoens humanas teve
De mais impetuosa sempre a palma:
Essa, que ao sangue, & ao amor se atreve
Romper os fóros, fica hum pouco em càlma,
Lhe pede do que obrou (quando a despede)
Razaõ Assuero, & o que naõ tem lhe pede.

Applau

91

Applaude da Rainha o honesto intento:
Accusa em sy de seu furor o insano,
E he tanto mayor nelle o sentimento,
Quanto mais tarde adverte o desengano;
E nos suspiros mil, que entrega ao vento,
Lhe declara seu mal, que o leviano,
E nescio cuida sò, depois que o sente,
E para que o naõ sinta, que he prudente.

92

A continua presença, que gozava
Do bello objecto, & em extremo amado,
Era a causa, porque antes ignorava
A força desta dor, deste cuydado;
E esse mesmo agora lhe mostrava,
Quam pouco de hum pezar sabe hum agrado,
Nem alegra algum bem, inda metade,
Do que afflige de hum mal a adversidade.

Por

93

Por mil modos pertende divertir-ſe,
E em todos vè fruſtrado ſeu intento,
Que o que em ſy leva a cauſa de affligir-ſe,
Com o lugar naõ deyxa o ſeu tormento;
E em qualquer onde entra, o deſpedir-ſe,
He o, que logo lhe occupa o penſamento;
Que o procurado alivio, onde a dor creſce,
Começa apenas, quando jà aborrece.

94

Quantas notava em ſeus jardins boninas,
A que de ſeu disvelo comparava
O objecto grato, agora as julga indignas
Do retrato, que ſó no Sol lhe achava;
Mas quando conſeguio jà mais as finas
Eſtimaçoens o bem, que ſe gozava?
Quando menos naõ foy, ſe perſevera?
E mayor, ſe de ſer deyxa o, que era?

95

Em tam sensivel dor, mal tam intenso
Jà entra nesta, jà nessoutra sala,
Se começa a fallar, fica suspenso,
E se passea, sò consigo falla:
A cada hora o nome da que infenso
Maltratou, repetindo, logo calla,
Que o eco desse mesmo na confusa
Morada de seu peyto ingrato, o accusa.

96

O' rigoroso amor, que facilmente
Ao mais livre transformas em cativo:
Em falto da razaõ o mais prudente,
E o affavel mais no mais esquivo!
Tornas o que era alegre em descontente,
E ao sepulchro de seu cuidado vivo
O conduzes, ou já querido seja,
Ou lhe falte esse bem, que sò deseja.

Na

97

Na fantezia impresso de quem ama,
Frechas mentindo em nome de Cupido,
No coração acendes huma chāma,
Que, em vez de alumiar, cega o sentido;
E a alma penetrando a infeliz flāma
Triste, alegre, queyxoso, agradecido
O deyxa numa hora, & qual o vario
Protheo em formas, em payxoens contrario.

98

Se favores consegue, està zeloso,
Tendo por leviandade a que he fineza,
Nos auges do que logra, temeroso,
De que póde cançar tanta firmeza;
Se se vè desprezado, he furioso,
E arrependido logo, que despreza,
Buscando em toda a parte o soberano
Objecto, que em sy tem sò por seu dano.

99

Notárão logo alguns esta violenta
Payxão, com quem a regia authoridade
Não he, de lhe pagar tributo, izenta,
Novador, & cuidado á Magestade;
Das lagrimas tambem, por mais que intenta
Assinarlhe outra causa, que a saudade,
Que a origem tem no amor, se adverte logo,
Porque essoutras são de agua, estas de fogo.

100

De todos hum, a quem mais favorece,
O Rey, & mais o estima, condoído
De seu pezar, que vè, a immenso cresce
Da imaginação propria soccorrido;
A ser o que lhe falle, se offerece,
Mostrando em seu discurso enternecido,
E nas palavras, a que a dor afoga,
Não que o aconselha, mas que o roga.

Este

101

Este lhe diz: Senhor, se ao grande affecto
Concedeis de hum criado, que imagino,
Se falto de argumentos de discreto,
Sobrado na rethorica de fino;
O discorrer diante do selecto
Juizo, que alcançais do Ceo benigno,
Naõ vos pede meu zelo a attençaõ toda,
Com hum breve reparo se accommoda.

102

Sigaõ embora, ó Rey, a magoa, & pranto
Os males, que naõ podem remediar-se,
Que os que remedio tem, naõ valem tanto,
Que com lagrimas devaõ sustentarse;
E esse que hoje, Senhor, vos causa espanto,
Naõ he dos impossiveis de curar-se
O que o impede, he da cura o tedio,
Que, de querer sarar, consta o remedio.

103

Naõ duvidarey eu, que o que perdido
O bello objecto tem de ſeu cuidado,
Quanto ha no univerſo, reduzido
O julga ao caos, de que foy tirado;
Illuſaõ lhe parece do ſentido,
Se brilha o Sol, ou ſe florece o prado:
Nada a ter ſer em ſeu conceyto chega,
Porque o ſeu tudo he o bem, que ſe lhe nega.

104

Mas que furor naõ he, que a hum triſte o prive
Tanto de algum diſcurſo o ſeu tormento,
Que, ſem gozar da vida, quando vive,
Anticipe ao viver o ſentimento?
Naõ ſucceda pois naõ, que aſſim cative
Eſſa dor voſſo claro entendimento,
Que naõ vejais que ao mal, que hum bẽ deſpede,
Com o bem outro tanto lhe ſuccede.

103

Mas naõ intenta, ó Principe famoso,
Persuadirvos meu discurso agora,
Que ao tempo em seus remedios vagaroso
O importante fieis desta melhora;
Mais apressado Medico, he forçoso,
Que vos assista, & logo sem demora,
Quando admitais o que a doença pede,
Jà esta, entrando essoutro, se despede.

104

Nem duvideis, senhor, que se encostando
Ao forte arco da poderosa aljava
Nova frecha o Amor, vay traspassando
Com esta o peyto, onde a outra estava,
Essa o colirio, & o remedio he brando
Da dor, com que a primeyra magoava,
E assim desfaz do golpe antigo a queyxa,
Que nem ainda na memoria o deyxa.

107

Eſmaltaõ breve campo muitas roſas:
Do Ceo muitas Eſtrellas pouco eſpaço,
E o numero naõ póde das fermoſas
Em voſſo largo Imperio ſer eſcaço;
Talvez, que alguma deſſas mais ayroſas,
Que fareis conduzir a voſſo Paço,
Modere roſa a dor, que vos desvela,
Vença o infortunio, que ſentis, Eſtrella.

108

Nada ingrato ao arbitrio propoſto,
Que ſe execute logo, o Rey lhe manda,
Naõ paraõ os criados, porque o goſto
Do Principe qualquer trabalho abranda;
E em breve tempo no aſſinado poſto
(Taõ prompto cada hum, tam veloz anda)
Lhe invejaõ às belliſsimas Donzellas
O Sol a gala, o numero as Eſtrellas.

Mas

109

Mas, entre as mais fermosas, se offerece
Nesta universidade da Belleza
Huma, em quem facilmente se conhece,
Ler a todas de prima gentileza;
Pois quanto já na graça se encarece,
Quanto na fermosura ha de riqueza,
Logra, sem que mais possa nesta parte
A Natureza dar, pintar a arte.

110

Do rico pelo, da espaçosa testa,
Esse de ouro dilatada mina:
De neve campo bem formado esta:
Dos olhos em que o Sol dous se imagina:
Da face, em que he perpetua a rosa honesta:
Da boca junto à qual fica a mais fina
Purpura, se corrida, naõ córada,
Se mostra a mesma inveja namorada.

111

Se entre as Deosas no Ida esta fermosa
Pares fizera, o Paris a Belleza
Tanta rendera o pomo, em que a queyxosa
Discordia às tres quiz dar má sobremesa;
Nem jà succederia, que a forçosa
Sentença sò a favor de gentileza
Tanto mais superior, fosse appellada
Pola Juno cruel à Grega espada.

112

Era seu nome Esther, Patria Judea,
Que a ferro, & fogo o Assyrio devastára,
Porque da Idolatria a culpa fea
Quiz o Ceo, que a essa luz visse mais clara;
Tambem no sacro templo, em que se atea Reg 4. 25.
O sacrilego incendio, se declara,
Não quer (tanto da ira està tocado)
Onde dos de Israel seja rogado.

113

Dos que a vida livràraõ nessa horrenda,
Nessa dura, & fatal calamidade,
Se razaõ he; se he justo, que se entenda,
Ser vida a de quem perde a liberdade;
Foraõ os Pays de Esther, bem que esta prenda
Deyxàraõ brevemente em tenra idade;
Porque mostrar ao mundo o Ceo queria,
Que Esther por sua conta sò corria.

114

Hum Tio a educou piadoso, & nobre,
Que escaçamente onde a virtude falta,
O esplendor da nobreza se descobre,
Que a virtude he a bazi, em que se exalta;
Este, posto que a Esther veja taõ pobre
De ouro, & prata, julga, que esta falta
Mais a acredita, pois de outra riqueza
Dezar fora o soccorro à tal Belleza.

115

Tratou sò de advertir aos poucos annos
Da galharda ſobrinha, que o venera;
A perfidia do mundo, & os ſeus enganos,
Que aquella idade pouco conſidera;
O infeliz remate dos profanos
Empregos, & eſſa pena, que os eſpera:
Eſſa, que a lentos paſſos caminhando,
A eterna no vagar ſe eſtà enſayando.

116

Que ſeja a caridade lhe enſinua
A que em ſuas acçoens mais appareça,
E entre as outras virtudes, como a Lua
Entre os menores aſtros, reſplandeça;
Nem ſe acovarde na piedade ſua,
Inda que certa a ingratidão conheça,
Porque sò eſſe ſe queyxarà do ingrato,
Que ſe diz beneficio, & he contrato.

117

Aos empregos da regia caridade,
Lhe diz, que logo a devação se siga,
Sem que da hipocresia, â puridade
Do metal fino seu, se junte a liga;
E entenda, que sò essa com verdade
He devaçaõ, que a observar se obriga
Da santidade as leys, & naõ com varios,
E inuteis gostos a correr Santuarios.

118

A humildade, & retiro lhe encomenda,
Com guarda fiel da fermosura,
Nem queyra applausos desta, antes entenda,
Saõ baterias contra a intençaõ pura;
Que ao ocio fuja sempre, & naõ pertenda
Ter mais fama, se quer viver segura,
Que a, de que teme a Deos, & he virtuosa,
Porque a outra no seu sexo he perigosa.

119

Jà nunca a branda cera ha recebido:
Jà mais guardou durissimo diamante,
Este a sutil imagem do esculpido,
Ou essoutra o epigraphe elegante;
Como Esther admitio, & fica unido
A seu animo docil, se constante,
Quanto lhe dicta o conselheyro egregio,
E degraos saõ, que a sobem ao throno regio.

120

Porque com menos pressa as inconstantes
Sombras se apartaõ, quando no Horizonte
Coroada de luzes radiantes
Descobre Febo a galharda fronte:
Sem mais demora os passaros volantes
Ao repentino estrondo, que no monte
Fez a balla, se ausentaõ dos raminhos,
Onde o descanço tem, & os caros ninhos.

Nem

121

Nem doutra ſorte as nuvens, que a ſerena
Face cobrem do ar, voaõ fogindo
Ao deſterro, a que o Aquilo as condena,
Ficando o Ceo de ſua injuria rindo;
Do que a ſaudade, a dor, a magoa, a pena
Deyxaõ de Aſſuero o peyto, onde ſentindo
De Eſther o Imperio, a força, a luz, que admira,
Qual ave, ſombra, nuvem, ſe retira.

122

Repita embora o Capitam Romano,
Que Veyo, Vio, Venceo, como proeza
De ſuas armas melhor, mais ſoberano
Timbre jà do valor, jà da deſtreza;
Que ſe tanto brazaõ o deyxa uſano,
Excedido ſe vè deſta belleza,
Quando ainda ſem lança contendora,
Que veyo, diz, foy viſta, & vencedora.

123

E aſsim logo, que o Rey, antes queyxoſo,
Pode gozar a incomparavel viſta
Da belliſsima Eſther, hum numeroſo
Povo de affectos para a ſervirlhe aliſta;
E de naõ poſſuir, eſtà penoſo,
Mais de hum sò coraçaõ, com que lhe aſſiſta,
Que a ſerem tantos, como os Reynos, fora
De tanta Monarquia igual ſenhora.

124

Naõ ſe uſava porèm, que das Eſpoſas
Do Rey alguma o thalamo occupaſſe,
Senaõ depois que as caſas eſpaçoſas
Do Zodiaco o claro Sol douraſſe;
Porque inda que eſcolhida entre as fermoſas,
Neſſes dias queriaõ, ſe apuraſſe;
Que a que mais de galharda ſe acredita,
Dos ſoccorros da arte neceſſita.

125

De odoriferas aguas eraõ mares
Os em que ſe banhava cada dia,
Porque aſſim deſſas ondas ſingulares
Qual outra bella Venus renaſcia;
Tambem eraõ na meſa os ſeus manjares
Eſſes em que melhor ſe conhecia
O vigor de nutrir, dar cor ao roſto,
Córado engano jà do humano goſto.

126

Mas como nunca igual, nunca conſtante
Soe o relogio ſer de hum namorado,
Onde ao que goza, os annos ſaõ inſtante,
E os inſtantes ſaõ annos, ſe ha tardado;
Que lhe apreſſaſſem, quiz, do firme amante,
E extremoſo Principe o cuydado
A bella Eſther o mundo feminino,
Mundo, a que eſte ſexo he mais benigno.

127

Se bem a linda Dama deſte alarde,
Deſte hypocrita ornato, eſta diaria,
E mobil fermoſura, em cada tarde,
Ao que foy na manhãa, ſempre contraria;
Deſſe indigno ſoccorro, a que a covarde
Belleza appella, deſta imaginaria
Pompa naõ cuyda; que o decente aceyo
He proprio ao bello, & o exceſſivo ao feyo.

128

Naõ era de ſeu animo o deſvello,
O contentar ao Rey, nem que o atractivo
Do goſto deſte foſſe o roſto bello,
Que tem, ſe o mundo grato, ao Ceo eſquivo;
Sô nas virtudes com ſeguro anello,
E na cultura d'alma o incentivo
Buſca ao real affecto a linda Dama,
Que o mais cobiça he, ſe amor ſe chama.

Por=

129

Porque amor, que he d' alma affecto nobre,
Se à materia talvez passa o seu fogo,
He da sorte que o claro Sol descobre
Tambem seu lume alèm do proprio globo;
Este (bem que opiniaõ vulgar lhe sóbre)
He vil payxão sómente, porque logo
Que busca a fruiçaõ noutro sentido,
Que o de ver, & ouvir, se ha desmentido.

130

Nem jà no Amor (se o fosse a impureza)
Convinha de menino essa pintura
Tam celebre, se destes na terneza
Sò cabe hum corpo casto, & huma alma pura.
Muito menos querer, seja a belleza
Objecto ao tacto, & que a fermosura
De luz tam nobre (em indignos laços)
Roubada aos olhos, se trãsfira aos braços.

131

Jà radiava a luz, que antes avara
(Ao parecer do Principe Augusto)
Pouco menos, que hum seculo tardàra,
Passando seu cuidado a quasi susto;
Quando Esther, que na gala naõ repara,
pois da melhor lhe faz seu rosto o custo,
O regio aposento entrou pizando,
Que em esfera do Sol o vay trocando.

132

Aos mais finos diamantes, que de ornato
Intentavão servir, lhes succedia
O mesmo, que ao lucido apparato
Das Estrellas, ao vir rompendo o dia;
Qualquer dos que da gloria este retrato
Admirava, & os olhos, com que o via,
Ao Ceo, por lhe dar graças, levantava,
De Esther ociosamente os apartava.

133

He porèm tanto mais no Rey o agrado
Desta vista, & he tanto o que o recrea,
Que a dita de reynar sò tem prezado,
Porque esta bella esposa lhe grangea;
Naõ sente pouco o tempo, que ha passado
Nelle a vontade deste amor alhea,
E hum seculo de amor em cada hora
Deseja para a estar amando agora

134

E sem que attenda à humilde estirpe donde
Esther a origem tem, a Magestosa
Diadema lhe destina; tanta esconde
Ou força, ou privilegio huma fermosa;
He flor de voz, & voz de flor, pois onde Zenon.
Apparece esta graça, na que a goza,
Sem violentar, obriga, & sem recurso
A arte, he sempre hum florido discurso.

135

Nem conſulte jà mais a fermoſura
Aſtro algum de benevola influencia,
Que em ſy meſma acharà para a ventura
De Oroſcopo feliz larga aſſiſtencia;
E ſe neste ſe affirma, que ſegura
O Sol diademas, deſſe, que a excellencia
De hum roſto oſtenta bello à maravilha,
Se diz, mas não do Sol que no Ceo brilha.

136

Eſſe o planeta foy grato, & benigno,
Que inda em ſeu detrimento, inda cadente,
Fóra da propria caſa, & peregrino
Quanto na dura eſcravidão ſe ſente;
A' bella Eſther, por ſingular deſtino,
A throno a elevou tam preminente,
De ſeus olhos podendo as luzes bellas
Mais que todo eſſe exercito de Eſtrellas.

137

He propria ao ser Divino a fermosura,
Não como o accidente em seu sugeyto,
Porèm mais indivisa, que a luz pura,
No que entre os astros brilha mais perfeyto:
He huma inseparavel vestidura,
Que entra de sua essencia no conceyto,
Tela da qual (porque o infinito iguala)
Tambem cortou aos que mais quiz a gala.

138

Deste adornou a quantos na celeste
Aula divide em varia jerarquia,
Como precisa, & preciosa veste
Dos que mais junto ao throno seu queria;
Depois ao homem, a quem sobre o terreste
Globo entregou tam vasta monarquia,
E quiz que em tanto Imperio, como gosa,
Esta fosse a sua purpura lustrosa.

139

Nem, quem menos mercé a considera,
Que divina se aparta do que o astuto,
E impio Manes dictou, ou jà quizera,
Antes que humano, ter nascido bruto;
Se o naõ he qualquer, que com severa
Opiniaõ reprova este attributo
Por celeste aos humanos grato emprego,
E estranho sò ao irracional, & ao cego.

140

Se no femineo sexo accusa a esquiva
Condiçaõ rude estragos repetidos,
Renuncie tambem, como nociva
A graça dos que o Ceo lhe deo sentidos;
Culpe quem pelo alheyo abuso a priva
Da estimaçaõ devida, esses luzidos
Resplendores da tocha, onde inquieta,
E incauta se abraza a borboleta.

141

Culpe na bella rosa de aleyvosos
Seus nacares algum (se inadvertido
Profanando-os) se vio nos rigorosos
Espinhos, que a defendem, offendido:
Os liquidos cristaes diga enganosos,
Onde o filho de Cefiso attrahido
De sua fórma, a busca (para magoa
Mayor) tendoa em sy mesmo, dentro n'agoa.

142

Quem os objectos julga delinquentes,
Passa de nescio, porque de algum dano,
Que nelles se experimenta, às imprudentes
Acçoens se haõ de applicar do uso humano;
Deste saõ os delitos, & innocentes
Essoutros, como a espada, onde o insano,
(A quem tomala pelo gume agrada)
De sy se hade queyxar, & naõ da espada.

143

Jà pois o Monstro aligero, que ostenta
Mais cores, visos mais do que o celeste
Iris nas densas nuvens representa,
Com tantos olhos como plumas veste;
Sem que se aparte, quando mais se ausenta,
Nem conceda (da maquina terreste
Ou pize as cortes, ou as campanhas rasas,)
Nem sono aos olhos, nem descanço às azas.

144

Parto da terra a todos espantoso,
Naõ menos que os Irmãos antes nascidos,
Pois quanto corre mais, he mais forçoso,
Mayor sempre, que aos olhos, aos ouvidos;
Do que publica defensor teymoso,
Successos sejaõ certos, ou fingidos,
Porque he das, que tem bocas cento a cento,
A verdade; & a mentira igual sustento.

145

Jà este, se rumorantes escaço,
Logo em crescendo clara, & illustre fama,
De seu clarim sonoro em todo o espaço
Do Persiano Imperio a voz derrama;
Os successos refere, que no Paço
De Assuero se admirão, & a nova chãma,
Em que arde por Esther belleza rara,
A quem sòmente o amor do Rey compara.

146

Qualquer à corte desce imaginando
Hum prodigio a Esther, se a considera
Jà Senhora de tanto Imperio, quando
Nem de sy mesma ha tão pouco o era;
E os, que conseguem vella, estão julgando,
Que sem a liberdade Esther nascèra,
Porque entendesse com razão mais viva
Esse bem, de que sua vista aos outros priva.

Que

147

Que ao diadema o credito assegura,
Se cre, & que ao esplendor desse convinha,
Não coroar outra, que a da fermosura,
(Qual julgaõ a Esther) sempre Rainha;
Pois tanto nella mais o Ceo se apura
Que entre todas, a quem dotado tinha
De belleza, hum rascunho apparecia
Da que debuxar nesta pertendia.

148

Suza, que o mesmo val, que lirio, ou rosa,
De seu nome o elogio aventejado
Vio nesta occasiaõ, em que ostentosa
Jà não huma sò flor, he todo hum prado;
Nem inda assim o quanto està pomposa,
Fica bastantemente declarado,
Se para comparar seu luzimento,
A não sobem de prado a firmamento.

149

De Apollo a Regia, de que Ovidio escreve,
Com a do desposorio illustre sala
Naõ tem comparaçaõ, sò inveja teve
A tanta magestade, a tanta gala;
Quanto a mayor erudição se atreve
A formar de alta idea, em pouco a iguala,
Que em seu custoso, & soberbo ornato,
Se naõ he o mesmo Empyreo, he o retrato.

150

Nelle de Esther à fermosura rara,
O Rey, que mais a admira cada hora,
O coraçaõ, que jà antes lhe entregàra,
Lhe offerta pola maõ de Esposo agora.
No immenso de seu gosto se repara,
Naõ que a ama sómente, mas que a adora:
Naõ que lhe participa o regio mando;
Mas que no mesmo Rey està reynando.

Que

151

Que o ouro, que ao de ſeus cabellos tece
O diadema, he de inferior quilate:
Que aos diamantes, de que eſte ſe guarnece
De ſeus olhos a luz dando eſtà mate:
Que quanto em ſeu ornato ſe offerece
A' viſta (bem a imenſo ſe dilate
Seu cuſto) lhe não dà, recebe gala,
Conhece qualquer, que entra neſta ſala.

152

Aggravo julgaria o meſmo ornato
Do ouro, & diamantes que eſtá vendo,
Não advertindo jà, que a hum tal retrato
Do Ceo, ſervindo-o eſtão, não ſoccorrendo;
Tambem lhe julgarião por ingrato
Eſſe exceſſo de perolas, não ſendo
Obſequio sò, que rendem às maravilhas
Da que he ſol, as que ſaõ da aurora filhas.

O Per=

153

O Persa, que imagina Divindade
O Principe, & altar o solio regio,
E sacrilego mais se persuade,
(Tanto he seu erro) se falta ao sacrilegio;
Com disculpa na unida magestade
Da Coroa em Esther, ao rosto egregio,
Adianta seu idolatra estatuto,
Se hum vè dos, que ha em Deos, nobre attributo.

154

Tambem julgou no esplendido convite,
Que logo se seguio, o pensamento,
Não ter de Assuero o poder limite,
Nem mais que offerecer cada Elemento;
Ver outro igual não cuyda o appetite
In saciavel mais, porque sustento
Foy não sò desse monstro, ao mais vasto,
(Qual a soberba deste Rey) foy pasto.

Dis=

155

Discorriaõ a inclyta Cidade,
Com injuria do Tracio, & do Thebano,
Lyras, em que delira a gravidade,
E em que tambem a recupera o insano;
Aos carros triunfaes a immensidade
Das praças vinha estreyta, & o soberano
Mobil (tal ostentava a pompa destes)
Pareciaõ das maquinas celestes.

156

Logo, que Febo o resplendor fermoso
De seu volante coche retirava,
Em Suza pelo fogo artificioso
Nada menos, que essoutra luz, se achava;
Nem o Delio deyxou de estar cioso,
De que Vulcano o officio lhe usurpava,
De ser o nobre Artifice do dia,
Ou que da terra agora amanhecia.

157

Nesta occasião tambem, em que os agrados
Erão tantos no Rey, se conhecia,
Que da riqueza os cofres mais cerrados,
A que melhor os abre, he a alegria;
Pois quanto em seus erarios dilatados
De tributos immensos recolhia,
Deste agrado nos quasi desvarios
(Qual nesse mar entrou) já sabe em rios.

158

Mas que desatençaõ sempre a largueza
Nimia no Rey! porque será precizo,
Que venha a recolher com a avareza
O que antes dispendeo com pouco avizo:
Saõ do Principe as dadivas riqueza
Para alguns, & a muitos prejuizo;
Pois he força (bem que o applaudão loucos)
Que, peça a todos, quanto ha dado a poucos.

Naõ

159

Naõ larga da memoria, & do cuidado
Ter nacido nos braços da pobreza,
Contra o estatuto, que do antigo estado
Manda, se esqueça logo a nova Alteza;
E bem, que as salas pize a que o dourado
Tecto cobre, ainda na estreiteza
Da antiga casa habita (ó graõ vitoria!)
Se a pessoa jà não, sempre a memoria.

160

Da pompa do vestir, que a Magestade
Lhe permitte, com tal prudencia usa,
Que sem faltar à regia authoridade,
Sò naõ admitte, a que a modestia accusa;
Porque com discrição se persuade,
Quer no excesso das galas a profusa
Vaidade, (que vicios mil encerra)
Vestir de Ceo o que he humilde terra.

Se

161

Se ao Principe o desvela a especiosa
Fama de liberal, tenha entendido,
Que entaõ com menos segurança a goza,
Quando he no dispender mais sem sentido;
Porque o prodigo, a quem sempre a forçosa
Pobreza a pedir leva, a tem perdido,
E o que o naõ he, & attento em dar prosede,
A logra, dando tudo o que não pede.

162

A bella Esther, nem porque o claro assento
A ennobrece da Regia Magestade,
Permitte, que inconstante o pensamento
As esferas passee da vaidade;
Antes sempre ao proprio nascimento
Attenta, se he o mesmo, se persuade,
Que qualquer altiveza lhe condena:
Se he outro novamente, inda he pequena.

163

Commum sustento em mesa naõ commua
Era o que escaçamente a alimentava,
E entre as delicias da real, a sua
Pobre na parsimonia se mostrava;
Porque naõ ser o que melhor jejua,
Quem naõ tem, mas quem se abstem, julgava,
Nem outra do jejum (que a abstinencia,
E naõ a falta) a propria excellencia.

164

Tambem conta não fez no soberano
Solio, a que a elevou o Ceo benigno,
Da ventagem, que logra entre o humano,
Mas dessa, em que està divida ao Divino;
E a qualquer pensamento, que leviano
Quer exceder, detendo o voo indigno,
Sò lhe permitte, suba atè as Estrellas,
Para as graças render ao Author dellas.



I

NESSA, a que o nome, rosa a definia,
(Nobre Suza) habitava o que infamando
(Fero Amaõ) tanta gala, descendia
Jà da estirpe de Agag, hum tronco infando;
E este sò em seu animo inclubia
Quantos a atroz raiz, pelo execrando
De sua planta, communicou mayores
Venenos ao fruto, & â sombra horrores.

2

A ambiçaõ, a cobiça, a deslealdade
Tinhaõ primeyro voto em seu conselho:
Nunca outra vio, que a imagem da maldade,
Se a consultar chegava o proprio espelho;
Jà mais a certa, ou ficta divindade
Se dobrava deste impio o joelho,
Ou no que a noyte mostra, & esconde o dia
(Graõ palacio) julgou, que alguem vivia.

3

Com todo o anelo a do invicto Persa
Regia aula, buscavaõ, como a certo
Centro as linhas da ambiçaõ perversa
Deste em astucias sempre o mais experto;
E logrando da sorte, antes adversa
Jà benigna influencia, tanto ao perto
Do real throno o chegou na authoridade,
Que hum equivoco o fez da Magestade.

4

Era a sombra do Rey, ou o Rey sómente
A sombra era, & Amão o que reynava,
Mais contra a Magestade delinquente
O que a dimitte, que o que a usurpava;
Porque este a estima, essoutro indignamente
Seu esplendor offende, esse, que a amava,
Este mostrando està quanto a aborrece,
Se a hum como adulterio a offerece.

5

Jà mais nos Ceos o Escorpiaõ funesto,
De Medusa a cabeça, & o Basilisco
No peyto do Leaõ sempre astro infesto,
Induziraõ o mundo a tanto risco:
Jà nunca a Idra, & o Oriāo molesto,
Onde se forja o rayo, & o corisco,
Taõ maleficos foraõ desde a esfera,
Como este iniquo da, que occupa, o era.

6

De Aulicos hum povo numeroso
Sempre apos sy levava, parecendo
Inda mais, que cortejo obsequioso,
A larga cauda de hum Cometa horrendo;
Porque nāo menos triste, & ominoso
Era o aspecto, que estava offerecendo,
Qual he a desse, que entre a escura sombra
Da noyte no Ceo brilha, & a terra assombra.

 Sò.

7

Sò Mardoqueo, que a inclyta morada
Da Reynante sobrinha frequentando,
Qual templo da que adora, na guardada
Porta, a está de fóra contemplando;
Essa do fero Amão tam respeytada
Grandeza em nada estima, detestando
Seu vulto (que a divino sobreveste)
Scelesto, quando o affecta mais celeste.

8

Mas a nada o Amão soberbo menos,
Que ao Mardoqueo incognito attendia,
Que antes, que os olhos pôr em os pequenos,
Delles o carecer elegeria:
Objecto seu julgou sempre somenos
Qualquer, que as nuvens jà naõ excedia,
E quando muito a vista se inclinava,
Dos montes no mais alto então tocava.

9

Nunca jà preſumio, que algum ouzaſſe
O eſtatuto violar de ſeu reſpeyto,
Ainda que em não ter, ſe confiaſſe
Outro fiſcal, que o proprio conceyto;
E quando o mais altivo o deſprezaſſe,
Deſprezava o viver, pois com effeyto
Era contra a, que logra inclyta ſorte,
Hum crime venial digno de morte.

10

Mas como os grandes ſaõ ſempre aſsiſtidos
Deſſas linguas crueis, & venenoſas,
Que colhem de plantar em ſeus ouvidos,
Se eſpinhas para os mais, para ſy roſas;
Eſtas com apparentes, & fingidos
Argumentos delatão cauteloſas
De arrogante ao humilde, (ó caſo acerbo!)
No meſmo tribunal do mais ſoberbo.

11

Naõ de outra ſorte, que o elemento undoſo,
Quando aos hombros do Boreas ſibilante,
Rompendo o largo carcere arenoſo,
Sobir-ſe quer à esfera radiante:
Nem outro jà, que o boſque, onde o frondoſo
Da esmeralda a rubi paſſou flãmante,
Ficou o fero Amaõ no vilipendio,
Que cuyda, irado mar, & largo incendio.

12

Quem ſeja Mardocheo, pergunta logo,
E ſabendo pertence aos de Judea,
Eſſa, a quem jà do Aſſyrio o ferro, & fogo 4 Reg. 25.
Horrenda pyra fez, fez campa fea;
Quantos Hebreos a Perſia tem no afogo
Do cativeyro, à morte ſentencea,
E quer que lave a mancha (ó furor novo!)
De hum leve aggravo ſeu, ſangue de hũ Povo.

13

Naõ era no Hebreo justo a renitencia
Ao obsequio de Amão, porque negasse
Essa divida certa à preminencia D Paul. adRom. 13.
Desse que o mesmo Ceo quiz que a gozasse;
He celeste merce toda à excellencia
No estado, ou nascimento, & o q̃ a privasse
Do devido decoro, & cortezia, Daniel. 3.
Tambem ao Ceo injuria lhe faria.

14

Mas era adoraçaõ, divino culto,
O que este soberbissimo affectava,
Quando em suas acçoens, & feroz vulto
Nem ainda o humano ser mostrava;
E Mardocheo, que teme tanto insulto,
O dobrar o joelho recusava
Diante deste Theomaco em terra,
Servindo-o na que ao Ceo fazia guerra.

15

Naõ temia o ſuſpendio, não a eſpada,
Que a morte lhe daria em hum momento,
Aquella vida teme eternizada
Para o ſupplicio sò, para o tormento:
Infeliz vida à morte ſempre atada:
Morte cruel, a que ſerà ſuſtento
Vida, que hade ter ſempre (ó triſte ſorte!)
Em poſſe a pena, & em deſejo a morte.

16

Temia transferir infielmente
A gloria do Creador à creatura:
A do Senhor ao ſervo, a do eminente
Artifice ao que he deſſe a feytura;
E a honra propria sò do Omnipotente,
Do fraco, & limitado, á vaã locura,
Em que ao ſoberbo Amão ſe lhe anticipa
Com Donoſor, o Alexandre, & Agripa.

Suc=

17

Succedeo neste tempo, que aleyvosos
Dous Eunucos de Amão favorecidos,
(Que sempre foraõ vinculos forçosos
De amizade os costumes parecidos)
Conferindo entre sy facinorosos
Intentos, dispuzeraõ fementidos,
Que o famoso Assuero em hum bocado,
De gostar outro algum fosse privado.

18

O' fortuna, tambem se humilde, izenta
Da vil conspiraçaõ! O' fragil taça,
Onde tem a efficacia mais violenta
Do toxico mortal a entrada escaça!
E quanto es mais feliz, que o que se ostenta
Alto estado, & em danos mil se enlaça:
Melhor, que o copo de ouro, esse onde o ameno
Licor se ri no barro, do veneno.

19

Serve a guarda do Principe ao estado.
De authoridade sy, naõ de defensa,
Pois, como defensor, tal-vez no lado
Vay de alguns o punhal da sua offensa;
Nem lhe escusa a trayçaõ, que o mais chegado
A seu docel dispoem, & encontre infensa
Ao diadema seu, & cara vida
A espada, que menos foy temida.

20

O nobre Mardocheo, que ao Regio Paço
Os passos seus sómente dirigia,
No cuydado de Esther jà nunca escaço,
Ou o Sol nascesse, ou se acabasse o dia;
Attento agora sempre ao ameaço,
Que dos turbados vultos inferia
Nos dous Eunucos, pode seus conselhos
Ver nos rostos, que saõ d'alma espelhos.

Pas=

21

Passando pois a Esther pronto a noticia,
E esta ao Rey, foraõ presos, num momento,
E para confessar sua malicia,
As bocas lhes abrio duro tormento;
Pagàraõ a maldade, & a estulticia
De seu desatinado pensamento,
Com hum supplicio tal, taõ horroroso,
Que sò em os matar foy piadoso.

22

Quem contra o Rey conspira, certamente
Conspira contra a sua propria vida,
E de matar o intento commummente
Consegue, em ser de sy mesmo homicida:
He a conspiração hum imminente
Rochedo sempre, em que para a sabida,
Por toda a parte o ousado conspirante
Funestos precipicios vè diante.

23

A lealdade de Mardoqueo na historia
A depositou logo o douto estudo;
Porque o tempo dos cofres da memoria
Chave tem falsa, com que rouba tudo;
Nem das acçoens heroycas a gloria
Jà contra o vil esquecimento escudo
De mayor força, ou melhor prova teve,
Que o do escrito papel, bem que tam leve.

24

Muyto sentio Amaõ, que a que traçava
De dar a Mardoqueo severa morte,
Desse, que aborrecia, aos que amava
A transferisse a contraria sorte;
E em furor tanto ardia, que mostrava
Bastante a abrazar do que em seu forte,
E irado peyto, incendio se lhe atea,
Sómente hũa faisca a gente Hebrea.

A

25

A vingança he manjar ſempre enganoſo,
Pois com ſer de mil males o motivo,
Todos quaſi o deſejaõ por goſtoſo,
Sem que attendaõ ao muito, que he nocivo;
Por naõ ſer ao levar difficultoſo,
Parece delicado ao vingativo,
He porèm taõ pezado, que os ſeus danos
Apenas os digerem largos annos.

26

Mas de Amão vede agora o deſatino,
Que do Principe incerto na vontade,
Certo o dia quiz ter na do deſtino
Sorte, para a que intenta atrocidade;
E eſte o caſtigo foy de ſeu maligno
E cruel odio, porque da vaidade
Deſſa, que olhos naõ tem, aſſim guiado
Hum cego de outro, pare em deſpenhado.

No=

27

Notando pois, que o decimo-terceyro
Do mes duodecimo, era o decretado
Dia, que para ser o derradeyro
Do infeliz povo, lhe dispunha o fado;
Ao oraculo entregue lisongeyro
O prazo naõ recusa dilatado,
Porque perecer possa a mayor custo,
Se no golpe huma vez, mil pelo susto.

28

Hora de astro cruel o Amã o quizera
Ao Rey, para a vingança, que apetece,
E o peyor dos maleficos da esfera
No mesmo Amaõ ventagens reconhece,
Logo, que conseguida a considera,
Astuto, & pronto este discurso tece,
Que entre razoens caminha especiosas,
Qual aspid venenoso polas rosas.

Nas

29

Nas Provincias, ſenhor, do engrandecido
Imperio voſſo hum povo està diſperſo,
Que em ſer do Mundo todo aborrecido,
Prova evidente tem, de que he perverſo;
Naõ ſe encontra outro algum tam conhecido
Por de cerviz rebelde no univerſo,
E tal he, que na pena mais acerba
Deyxar naõ ſabe a condiçaõ ſoberba.

30

Tem dos Deoſes o culto por inſano,
E a hum Nume ſómente ſacrifica,
Quanto he ſacro entre os mais julga profano,
E ao, que eſtes não crem, o deifica;
Ao Ceo faz creatura, a Apollo humano,
E à viſta de ſua luz tam cego fica,
Que naõ vè, ſer devido, que adoremos
A Belleza mayor, que conhecemos.

31

Se nos desperta a tratar da vida,
O novo dia, & logo que anoytece,
Abre o Ceo tantos olhos, como a lida
Dos cuidados diurnos adormece?
Se entre esses breves astros assistida
De mais pompa Diana resplendece,
Qual se ostenta na joya radiante
Entre os pequenos, o mayor diamante?

32

Se da fermosa Ceres o precioso
Fruto (do lavrador sempre cuidado)
Aureo mar torna em Julho esse espaçoso
Campo, que no Dezembro foy prateado?
Se nos regala o pomo saboroso,
Quem em berço de esmeralda se ha creado,
(Bem que de humilde tronco descendente)
Merces todas do Sol saõ certamente.

E naõ

33

E naõ ſaõ huns turibulos, que o brando
Vento move, eſſas plantas no perfume
De ſuas flores (que ao Sol ſe eſtaõ queymando)
Inculcando-o tambem por ſacro Nume?
Que inſania pois naõ he, queyraõ, negando
Propria Deidade a tam ſupremo lume,
A gloria transferir (que ao declarado
Bemfeytor ſe lhe deve) ao ignorado?

34

Dirà que he proprio em Deos o ſer occulto,
Sendo porèm mais proprio o ſer amado,
Como o poderà ſer hum ſacro vulto
A tam denſa cortina retirado?
Deos naõ nos pede mais que honra, & culto:
Sò pertende de nòs ſer adorado,
E jà nunca ſeria em razaõ poſto,
Que negue ao pertendido obſequio o roſto.

35

Se com o ethereo globo ſe compara
O terreſte, he hum ponto abreviado,
Mas pezo ſuperior (ſe ſe repara)
Ainda a tanto Athlante coroado;
E de hum ſenhor sò, querem, que à preclara
E celeſte regiaõ baſte o cuidado,
Nem componha dos Ceos eſſa ſuprema,
E immenſa esfera mais de hum sò diadema.

36

Eſſa que experimentamos jà benigna,
Contraria ſorte jà nos perſuade,
Naõ manda na alta esfera criſtalina
Com abſoluto imperio hũa Deidade;
Sy porèm dividir-ſe nos enſina
Em muitos a celeſte poteſtade,
E que de hum Deos no aſpero caſtigo
Outro Deos nos ampara mais amigo.

37

Sendo o vinculo pois, que sò constantes
Os povos tem do Rey na obediencia
A mesma ley, & os ritos semelhantes,
Neste certa ha de ser a renitencia;
Sempre a vossos decretos repugnantes
Os Hebreos achareis, com tal violencia,
Que algum dia lembrando se de aggravos,
Sejaõ de Tyro em Suza os mãos escravos.

38

Quantos infames partos produzidos
Da terrivel audacia o mundo sente,
Dos alheyos descuidos soccorridos
Foraõ, se bem se adverte, certamente;
Grandes incendios, de que os mais floridos
Bosques tem padecido a flamma ingente,
E estaõ Cidades muitas abrazadas,
Tambem foraõ faiscas desprezadas.

39

Se eſcaça, & eſcura nuvem no Horizonte
Creſce a hũa aſperiſſima tormenta:
Se indiſtinto vapor, que exhala o monte,
Feroz, & cruel rayo ſe exprimenta:
Se breve prata na undoſa fonte
A rio impetuoſo ſe acreſcenta,
Deſte povo ſer póde inda a maldade
Em Perſia rayo, rio, & tempeſtade.

40

Mas ſe o conſelho meu não deſmerece,
(Principe excelſo) o credito a que aſpira,
A maldade, que neſte povo creſce,
Da eſpada tincta em ſangue ſeu ſe infira;
Porque ſe o cativeyro, que padece,
De ſua iniquidade o não retira,
Que remedio jà brando póde agora
Curar o mal, que o forte não melhora?

41

Seja morte cruel, total estrago
Quem ponha termo a tanta iniquidade,
Que naõ vence o favor, & o doce affago
Odio, que origem tem sò na vontade.
Veja a Hebrea gente o duro pago
De sua sempre acerba inimizade,
Conheça, que a clemencia desprezada
Tambem em castigar he a mais pezada.

42

O' Ceo! O' sempre occulta providencia,
Naõ menos que ao humano entendimento,
Ao Querubim mais rico de ciencia!
Té onde hade chegar este portento?
Té onde deste impio a violencia,
Que na de seu soberbo valimento
Alta esfera, qual trovão soando,
Rayos, & tempestades vay deyxando?

 At=

43

Attrahido da especie refulgente
Do claro Apollo, o julga divindade, Sapient. 13.
Sem conhecer no Artifice eminente
Dessa luz, este nescio, mais beldade;
Porque, se a vista naõ, certo he, que a mente
Racional a descobre, & indignidade
Era que visse do supremo Nume, Auguft. de error.
Como o do Sol, o irracional seu lume. Priscial.

44

Nem para ser amado necessita
De ser mais evidente Deos, pois quanto
Os olhos vendo estaõ, lhe solicita
Tanta veneraçaõ, affecto tanto;
E bem que occulto seja na infinita
Perfeiçaõ de seu ser supremo, & santo,
He tam claro tambem (sem que se mude) S. Joaõ Damasc.
Que o naõ póde ignorar inda o mais rude. S. Greg. S. Aug.

45

Os beneficios conta, que à fermosa
Febea luz devemos, porèm erra
Na conta, quando nesta essa especiosa
Luz, em que se alucina, naõ encerra;
Ao que nesse alto Empyreo o solio goza,
Deve este claro luminar a terra;
Naõ he o Bemfeytor, he o beneficio,
Nem seu obrar vontade, mas officio.

46

Com tal espanto a contemplar se applica
Esse ethereo Palacio, que forçoso,
Lhe julga o ser Divino, & o deifica,
Quando assim vive, que, o suppoem ocioso;
E se habitado o cre; quanta publica
Sempre ignorancia na que obsequioso
Adoraçaõ lhe dà rendendo estulto
A' casa, & ao que a habita, o mesmo culto?

47

Diz que he larga a celeste Monarquia
Para hum sò senhor, sem que o uniforme
Governo seu, que jà notar podia,
Dessa, que nega unidade, o informe:
Sem que em tudo o visivel a armonia,
E a de que naõ se apartaõ taõ conforme Provase a Unidade Divina.
Ley sempre tantas causas inferiores,
Impossiveis lhe mostre mais senhores.

48

Que procede de varios soberanos
No Ceo, a differença considera
Dos casos, que varia entre os humanos
O que o Imperio sò tem nessa alta esfera;
E com igual motivo em seus insanos
pensamentos este impio discorrèra,
Se do premio, & castigo, que notàra
Em hum sò Reyno, muitos Reys julgàra.

49

Naõ entendia o nescio, que a divina
Essencia nunca póde da unidade
Apartar-se, pois se faria indigna
Dos predicados seus, Bem, & Verdade;
Que he natural em Deos, ser hum, o ensina
A razaõ mesma, pois na infinidade,
Que o suppoem tudo, temos jà sobeja
Prova de que outro Deos naõ tem, que seja.

50

Sobre tanta impiedade a argumentos
De furor se converte, & qual maligna
Constellaçaõ, do Principe os intentos
Sinceros a violentos determina;
Julga hum incauto Rey os pensamentos
Do seu valido iguaes sempre à benigna
Condiçaõ sua, nunca o crè culpavel,
Porque naõ julga tanta fè violavel.

Mas

51

Mas que culpados vôs ſempre ó Reynantes,
Que deſſes, que lograis olhos, & ouvidos,
Eſtes entregais ſempre aos adulantes,
Eſſoutros ſubſtituis nos dos validos;
Felices vos julgais por dominantes,
Porèm dos infortunios conhecidos,
Que outro igual ao de hum Rey quando ſe priva,
(Bem que morre per ſy) que per ſy viva.

52

E o com que ó Ceo o honrou, ſupremo officio,
De outros ao talento encomendando,
Naõ vè, que ou lhe deſpreza o beneficio,
Ou que errou a eleyçaõ, lhe eſtá moſtrando;
E que de ſua inercia entregue ao vicio,
No que ao valido entrega imperio, & mando,
Publica ſer (não ſem injuria extrema)
Mais digno o ſeu criado do diadema.

Sem

53

Sem nada obrar, mil culpas commettendo,
Em ſy juſto, em outro delinquente,
E como fiador deſſe, querendo
Pagar em tribunal mais preeminente;
No odio de infinitos encorrendo,
Por quem ambicioſo ingratamente,
Ao que jà lhe fez roubo da vontade
Acreſcenta o da regia authoridade.

54

Grato pois ao diſcurſo impio, & fero
Com o ſello do anel, que tem cingido
Ao regio dedo, quiz logo Aſſuero,
Se firmaſſe o decreto pertendido;
Todo hum povo entregando ao ſevero
Golpe, que lhe aconſelha o mao valido,
Naõ ſómente (ó novo aſſombro, & medo!)
Em hum abrir da maõ, mas de hum ſò dedo!

Com

55

Com menos culpa jà do amor paterno
Obrigado, entregou o claro Apolo
Do luminoso coche esse governo
Ao Filho, que abrazou hum, & outro polo;
Que Ataxerses a este, que do Averno
Furor imita a crueldade, & dolo,
O aureo anel, a que em communs desmayos,
Quantos tem resplendores troca em rayos.

56

Porque logo nas portas da famosa
Suza se lèraõ os crueis edictos,
Que com sentença a todos espantosa
Da Persia os Hebreos dava proscriptos,
Entregando-os da espada rigurosa
Ao fio agudo, quando taõ aflictos,
E no estado infeliz seu taõ absortos,
Que jà se empregaria em meyos mortos.

57

Naõ doutra ſorte, que o que eſtá oprimido
No grave ſono, do ſonhado dano,
Ou da eſpada, que o fere, ou do temido
Deſpenho viſto no fantaſma inſano,
Ficou o povo Hebreo, tendo entendido
O decreto do Principe inhumano,
Que o halito lhe rouba, a voz lhe atalha,
E no palido os roſtos lhe amortalha.

58

Mas logo, que de horror ſuſpenſaõ tanta
Qualquer pode cobrar-ſe, naõ duvida,
Que era alivio da pena, que o quebranta,
Eſſe breve parenteſis da vida;
E por fortuna jà tivera em quanta
Tribulaçaõ ſe vè, que (ſuſpendida
Mais tempo a alma) livràra em tanto aperto
Da dor, a que o condena o eſtar deſperto.

Por=

59

Porque cingidos de hum cilicio horrendo
As ruas discorriaõ da preclara
Suza em prantos, de que (o Amaõ naõ sendo)
O mayor dos tyrannos se abrandàra;
Bem, que esse mesmo pranto, que descendo
Dos olhos, mostra, que na terra pàra,
Alcança, aos Ceos subindo soberanos,
Perdaõ ás culpas, & soccorro aos danos.

60

O Mardoqueo rasgando a vestidura,
Como era uso, mostrava em seus pezares
Das lagrimas continuas na amargura
Os, que o peyto em sy tem, de affliçaõ mares;
E anticipando jà da sepultura
A cinza, entre suspiros, em que os ares
Parecia gastar, patente â corte
Faz o que obrarà nelle em breve a morte.

61

Mas porque o Hebreo prudente naõ ignora,
Ser o odio de Amaõ a officina,
Adonde se forjou esse, que agora
Rayo contra o seu povo se fulmina;
O sococrro da Bella Esther implora,
Porque no peyto regio a que domina
Desta o amor, desse a privança move,
Mida hũ, & outro a espada, as forças prove.

62

Tremeo, pasmou, Esther nesta impensada
Noticia, porèm mais porque outro edicto
A porta, que convem, lhe tem cerrada
Para poder valer ao povo afflicto;
Naõ sendo outra, que a morte, cõminada
A qualquer, que pizar queyra o destricto
Do aposento real, sem ser chamado,
Por mais que, de escolhido, confiado.

63

Amor, & medo ſempre contendores,
No coraçaõ de Eſther davaõ batalha;
Contra o ſoccorro o medo dicta horrores,
E o affecto em favor deſſe os atalha;
Hum diz, que naõ ſe arroje; outro os primores
De ſeu animo empenha em que lhes valha,
E por muito, que ſinta a Hebrea gente,
Neſta contenda, he mais, o que Eſther ſente.

64

Pronto aviſo a Mardoqueo deſpede
Da que lhe nega dura ley no humano
Altar do regio ſolio eſſa, que pede
Entrada, a impugnar o edicto inſano;
Mas, que naõ julgue, q̃ outro medo a impede,
Mais que de imaginar naõ ſeja ao dano,
E eſtado infeliz do povo afflicto
A ſua pouca ſorte outro delicto.

65

O Hebreo prudente a inſta ſe oppuzeſſe
Intrepida, & veloz ao inimigo
Commum o fero Amão, & conheceſſe,
Ser igual o triunfo ao perigo:
Que o poder, & a ſoberba naõ temeſſe
Do Amalecita, porque eſtylo antigo
Era do Ceo ſervir-ſe do inſtrumento
Mais debil contra as forças do violento.

66

Que do Aſſyrio ſe lembre, & do arrogante
Cananeo, hum na fronte aſſinalado
Senaõ do S, do cravo penetrante: Judic.4.
Tronco eſſoutro do alfange ſeu proſtrado;
Diſpondo a Providencia, que triunfante Judith. 13.
Da ſoberba dos dous lhes junte armado
O braço feminil no ſono grato
Da morte o original ao que he retrato.

67

Eſther, a quem o affecto a perſuadida
Facilmente diſpoz, ſe animou forte
(Quando aos ſeus naõ ſegure a doce vida)
Em os acompanhar na amarga morte;
Delles pertende sò, como entendida,
Que em jejuns, & oraçoens, da Empyrea Corte
Lhe impetrem na propicia aſſiſtencia.
Força aos rogos, & às palavras ciencia.

68

Mas neſta occupaçaõ taõ piadoſa
A primeyra quiz ſer, porque ſe crea,
Serà Sempre com Deos mais poderoſa
A propria virtude, do que a alhea;
E de ſi deſpedindo a precioſa
Gala, que mais ſeu animo recrea,
Humildemente veſte, que o tributo
Primeyro, que ſe paga â dor, he o luto.

69

A seus fermosos olhos, no que sente
Rigurosa tormento a toda a hora,
Do successivo pranto na corrente,
Quem os buscava Sol, os julga aurora;
Mas desse se conhece facilmente
Na copia, que essas lagrimas, que chora,
Querem deyxar de ser em seus pezares
As perolas agora, por ser mares.

70

O rosto por Metropoli estimado,
Onde a belleza toda concorria,
De seu largo jejum attenuado
Dessa gala hum deserto offerecia;
Nem as ansias, os sustos, & o cuidado
O tratárão com outra cortesia,
Que essa, que o fero Noto em seus furores
Custuma sempre usar co as lindas flores.

71

No ultimo dos dias destinados
Para rogar ao que dos Reys encerra
Na maõ os coraçoens, rege os agrados,
A ira, a piedade, a paz, & a guerra;
Deyxando dos temores, & cuidados
O susto, que a belleza lhe desterra,
A tentar animosa se aventura,
Quanto póde rogando a fermosura.

72

Vestio-se de hũa gala, a que invejava
O mais vistoso prado a galhardia,
No fulgor dos diamantes, que ostentava
Os termos dilatando ao claro dia;
Desses porèm a luz naõ igualava
A' de seus olhos, onde recebia
Amor, para causar mortaes desmayos,
As settas jâ deyxando, agora rayos.

73

Assim galharda com ayroso passo
Ao throno de Assuero se encaminha,
De hũa Dama entregando ao lindo braço
Igual pezo, ao que Atlante jà sostinha;
Mas logo, que do Principe ao escaço
Vulto sempre de agrados se avisinha,
Pode bem ver, quanto he mor inimigo
Muitas vezes o medo, que o perigo.

74

Porque de hum vaõ temor persuadida
Ao dano, de que o real estado a izenta,
Verdugo o arma contra a propria vida,
Quando a tantos livrar da morte intenta;
E a hum desmayo se entrega taõ rendida,
Que as rosas de seu rosto lhe afugenta,
E ao mesmo tempo (tanto a pena cresce)
A hum Sol em dous orbes lhe escurece.

75

Mas he a fermosura hum accidente,
Que em qualquer outro encontra seu perigo,
Perece na molestia, que o repente
De hum susto, de hum cuidado traz comsigo;
E assás se contentàra, a ter sómente
O que de tudo o he, por inimigo,
Mas nem tempo ha mister, para que acabe,
Porque tambem matar sem tempo sabe.

76

Esquecido da propria magestade
Pronto Assuero de seu solio desce,
Porque a pezar da regia authoridade,
O manda amor, a quem tudo obedece;
Sentindo a que affectou severidade
Co a linda Esther, jà tanto se enternece,
Que são os olhos seus, em ver tal dano,
Se antes hum Ethna, agora hum Oceano.

77

Imagina, que essa alma, que jà era
Vida aos dous, lhe foge â bella Dama,
Que sempre o fino amante considera
O perigo mayor, se he no que ama;
E ao ver, que seu desmayo persevera,
Quantos no peyto esconde affectos, chama
Em soccorro de Esther, & igual conforto
A' que julga morrer, & ao que està morto.

78

Que lhe naõ cause, diz, essa violenta
Ley, que se promulgou, pena, & disgosto,
Porque he de todas certamente izenta
Quem as póde intimar de hum Rey ao gosto;
E se nunca no seu dẽcreto intenta
Obrigar-se a si o Rey, fica supposto,
Ser tambem livre, a que por sua esposa,
Metade sua a faz Ley mais forçosa.

L. Pric 3. ff. de leg. C. Adm. 33 l. 3. Cod. de Crim. expil.

Se

79

O generoso amor! quem o divino
Ser te applicou, viò bem tua nobreza,
Quando naõ escurece o peregrino
De teu resplendor claro a impureza;
Todo negado a ti, todo benigno
Sempre a outro, & à mesma Natureza
Dando espanto (mais que em ti mesmo) achado
No objecto fiel de teu cuidado.

80

Quando se viò à condiçaõ celeste
Tua jà mais o interesse unido?
Ou para outra, que dadiva quizeste
Sempre o ouro do mundo appetecido?
Quando o nome ao proprio conheceste,
Nem de ti mesmo o foste; se esquecido
De que vives, em tuas nobres chãmas
A respiraçaõ tua he o que amas.

81

De Filosofo o nome indignamente
Logra quem nada quiz, que fosse amado,
E huma alma constitue indifferente
Entre o objecto de prendas mais dotado.
As azas são da alma o intelligente,
E o amoroso, & quer o que escusado
Lhe julga o amor que felizmente a abraza,
Nesta Ave real hũa sò aza.

82

Se outro favor, se outra merce pertende
Não tarde em se explicar, que o extremoso
De seu amor do tempo, em que suspende
A supplica, sómente està queyxoso;
E se à meya ... Imperio seu se estende
A pertenção, que tem, serà forçoso,
Sinta de tanto affecto a immensidade
Dar à de quem he tudo, sò metade.

83

As palavras do Rey o doce canto
Foraõ de Orfeo, que à Eſther da ſombra eſcura
De ſeu cuidado, tornaõ com eſpanto
De hum novo alivio à luz ſerena, & pura;
Na tormenta, que ſente, obràraõ, quanto
A cithara de Anfiaõ; pois a amargura
Do mar de tanta pena jà deyxando,
De ſeu deſejo o porto vai tocando.

84

Reſtituida pois ao novo alento,
Ou com mayor razão reſtituida
Neſſa reſpiraçaõ de ſeu tormento,
Ao grande Aſſuero a propria vida;
A cauſa de tentar deſſe apoſento
Regio as nobres ſalas, advertida
Guarda para occaſiaõ mais opportuna,
Que de a ſaber buſcar, conſta a fortuna.

Só

85

Sò, que se digne [illegible] authorizar, lhe pede,
De seu grande valido acompanhado,
Hum, que ordenou convite, donde excede
Mais o affectuoso, que o guizado;
Grato quanto deseja lhe concede
O Principe, julgando se obrigado
Novamente a este lanço, onde encontrava
Fineza essa, que supplica esperava.

86

Naõ faltou em buscar prompto á delicia
Da prevenida mesa, onde agradece
A' bella esposa em prato de caricia
Os, que esta de gostoso, lhe offerece;
E o Amaõ, que presume ter propicia
A Esther agora, tanto o desvanece
Aqui o engano seu, que da memoria
De outro sustento o priva tanta gloria.

Não

87

Não se querem lembrar os ambiciosos,
Que da fortuna jà nos desvarios
Formar pudera o pranto dos mimosos
Seus, de que se está rindo, largos rios;
Que são desta inconstante os deliciosos
Favores hum preludio dos desvios,
E espola apenas se estará inculcando,
Quando, o divorciar-se, jà traçando.

88

Nunca no mar cossario, ou na campanha
Cobiçoso soldado, ao que cahido
Em suas mãos se vio, com furia estranha
Deyxou tão sem fazenda, & sem vestido,
Qual o vinho, & o amor, quando se entranha
No peyto do infeliz, que tem rendido,
Sem que o deyxe (por mais que recatado)
Nem segredo, nem ouro ter guardado.

89

De quanto pois a ſeu real erario
Tantos Reynos tributaõ de riqueza,
Co a bella Eſther o fazem tributario
Ao Rey amante, a taça, & a belleza;
Do Imperio ſeu metade temerario
Lhe torna a offerecer, mas na grandeza
Da merce, que o entendimento a ignora,
(Bem que a vontade a fez) ſe adverte agora.

90

Mas a piedoſa Eſther, que ſò pertende
O golpe divertir da aguda eſpada
Ao povo ſeu, & a iſençaõ entende
Propria de hũa vontade coroada;
Vendo quanta de amor chama lhe acende
A grata meſa, em mais bem ateada
Determina prudente, que o ſelecto
Se deſcubra do ouro deſſe affecto.

91

E assim depois, que ao Principe as devidas
Graças lhe rende em vozes de carinhos,
Mais proprias no amor, do que as polidas
Razoens, que devem ao estudo alinhos;
Lhe diz quer só, que quando despedidas
As sombras, volte o Sol aos mais visinhos
Horizontes, tambem se restitua
O da real presença â mesa sua.

92

Mas que naõ falte Amaõ, diz cautelosa
No intento seu, & ao infeliz no peyto
Naõ cabe o gosto, tendo na enganosa
Supplica, por de amor, do odio o effeyto;
Que a Rainha o venera obsequiosa,
Lhe dicta seu vanissimo conceyto,
Mas assim se verà sempre enganado
O da vaidade propria aconselhado.

93

Era Esther virtuosa, o Amão perverso:
Essa a todos fiel, este inimigo,
E no animo encontra puro, & terso
O infiel, & injusto o seu perigo;
Nem jà nunca o fementido, & adverso
Com todos, acharà leal amigo:
Em vaõ buscarà sempre a deslealdade
Quem lhe guarde a, que quer, fidelidade.

94

Da regia mesa jà deixando o assento
Cheyo da vaidade, que o nutria
Mais, q̃ outro prato algum, dos q̃ ao sustento
O esplendido convite offerecia;
Notou a Mardoqueo, porèm no intento
Firme, de lhe negar a cortezia
Do, que chega a affectar, divino culto,
Que elle divida julga, & essoutro insulto.

95

Bem quizera, que a espada, que occupava
Seu lado, no do Hebreo justo embebida
Escrevesse com sangue a, que alcançava
Quem se lhe oppunha, pena merecida;
Mas porque o regio alcaçar o amparava,
Desta jà como ley sacra admittida
O respeyto condena este malino,
Que o da vingança tem por mais divino.

96

Mas logo, que os umbraes do ennobrecido
Palacio, em que habitava, teve entrado,
A' consorte com quem o tem unido
Mais inda o feróz genio, que o estado;
E a dez filhos, de seu endurecido
Animo originaes, & naõ treslado,
Assim conta a que julga por acerba
Injuria (a razaõ naõ) mas a soberba.

Nen=

97

Nenhum, que naõ ignore o ſoberano
Imperio do fortiſſimo Aſſuero,
Ou là nos Pirineos remoto Hiſpano,
Ou para o Caſpio mar o Hircano fero,
Deyxa de o conhecer, ſenaõ me engano,
Que a larga authoridade com que impero
Neſſes eſtados ſeus, sò da ſuprema
Differe, pola falta do diadema.

98

Quantas jà verteo lagrimas cuſtoſas
A bella Alva em ſeu candido paſſeyo,
Que depois foraõ perolas precioſas
Ao abrigo, & favor do undoſo ſeyo:
Quantas com ſuas chamas luminoſas
Soe accender o reſplandor Febeyo
Finas pedras de cores mais eſtranhas,
De meus cofres ſaõ lucidas entranhas.

99

Mostra a, que habito, inclyta morada,
E assombro da famosa arquitectura,
Quanto jà no primor Corinthio agrada:
Jà na Romana basi se assegura;
Desta o soberbo portico a entrada
Parece defender ao que procura
Seus limites passar, pois persuade,
Que a occupa mais que humana Magestade.

100

Descobrem dos jardins o artificioso,
E o natural unidos, hum portento,
Sempre a qualquer deyxando duvidoso
Se excede neste o acaso, ou nesse o invento;
Quanto fingio o engenho do famoso
Chipre, aqui se descobre, & o brando alento
Que respiraõ, fragrante entre os verdores,
Ambar se julga, & o seu mar as flores.

101

De qualquer que os adorna, ou que os retrata
Clara fonte de traça peregrina,
Que nessa, que derrama undosa prata,
Rebenta de soberba se imagina;
Vista jà mais se conheceo taõ grata,
Nem he outra, que espelho a cristalina
Onda, que de seus seyos vem descendo
Onde as fontes gentis se estaõ revendo.

102

A baxela, que brilha refulgente
Nas altas copas, soma hum gram thesouro,
Que excede a quanto no Pactòlo ingente
De prata em ondas se recolhe de ouro;
Das preciosas alfayas naõ consente
A riqueza algum preço, antes desdouro
Se deve julgar seu, que a tanto excesso
Outro, que a admiraçaõ seja, o seu preço.

103

Mas que logro, ſe pobre entre riqueza
Tanta me julgo, ſe entre o repetido
De tanto objecto grato, he da triſteza
A imagem, a que occupa meu ſentido?
E hum vil Hebreo deſiſtimando a alteza
Do ſolio, em que me vejo engrandecido,
Quem como nuvem groſſa, & vapor denſo
De minha gloria eclipſa o Sol immenſo.

104

Aſſim diz, naõ sò triſte, mas furioſo
O arrogante Amaõ, porque he no aggravo,
Que julga receber, hum poderoſo
Mais, que ſenhor de ſy, da ira eſcravo;
E ferindo com pè facinoroſo
A terra, o labio morde, eſcuma bravo,
Moſtrando, quer levar eſte iracundo,
Nas pontas da ſoberba ſua o mundo.

105

O Congreſſo lhe diz, que pois valia
Com Aſſuero tanto, larga conta
Se lhe dè deſta injuria, que devia
Severo caſtigar qual propria afronta;
Que era imagem do Principe dizia
Cada qual hum valido; & que naõ monta
(Se do divino ſe [illegible] attender ao trato)
Menos, que o original, o ſeu retrato.

106

Sem mais conſelho logo à viſta horrenda
De hum lenho aſſàs fu neſto o alivio inſano
Fiar quiz da ſua dor, porque ſe entenda
Que até os olhos crueis ſaõ no tyranno;
De covados cincoenta a eſtupenda
Medida lhe aſſinou, mas ſem engano,
Que, ſe neſſe hade eſtar elle pendente,
A's culpas o ajuſtou do delinquente.

107

Jà de evano em carroça marchetada
De Eſtrellas ſcintillantes excedia;
Metade da carreyra cuſtumada
Eſſa, que as portas fecha ao claro dia;
E ainda ao grave ſono a delicada
Planta, com que caminha, naõ ſofria
(Taõ lento he em ſeu paſſo, & taõ ſevero)
Que aos olhos chegaſſe de Aſſuero.

108

Naõ andaõ de outro algum, que o regio leyto,
Os negocios mais perto, deſtinado
Ao deſcanço parece, que no effeyto
(Menos o nome) ſempre he sò cuidado;
Se lhe aſſina ao Rey guardas o reſpeyto,
Nos penſamentos lhas deſtina o eſtado;
Eſſas, que o povo afaſtem de ſeu trono:
Eſtas dos olhos ſeus obrando ſono.

109

Toda a famosa acção lustre do estado
Persiano a resgatava a douta penna
Da injuria a que esse mobil elevado
Em seus continuos gyros a condena;
E era logo o volume destinado
A' real Biblioteca, & não pequena
A gloria de hum governo tão prudente,
Que escusa memoriaes ao pertendente.

110

A esta lição fia o Rey famoso,
Que esse importuno tedio lhe afaste
De seu desvelo, & as horas do precioso
Tempo as occupe, & não sómente as gaste;
Nem duvîda encontrar do delicioso
Discurso na attenção esse, que baste
Divertimento a vencer o enfado
Do ocio, que he negocio o mais cançado.

111

Naõ he dos livros a lição penoſa,
E sò a accuſa com doloſo intento
Quem eſcuſar-ſe aſſim cuida a forçoſa
Fama de hum rude, & infeliz talento;
Porque quando naõ ſeja deleytoſa
Occupaçaõ o eſtudo, he ſentimento;
Que por tenue naõ fere, nem magôa,
E ſe he lima, naõ corta, aperfeiçoa.

112

Se he morrer entre os vivos, quem duvîda
(Se a payxaõ, ou a incuria o naõ cega)
Que tambem entre os mortos logra vida
O que a taõ nobre occupaçaõ ſe entrega?
He no vivente racional a lida
Jà eſtatuto, & ley, & ſe ſoſſega
No grato ſono o miſero vivente,
O racional no eſtudo tam ſòmente.

113

He o mais proprio nos Principes a historia,
Naõ como o vulgar le, para que as conte,
Mas porque no prontuario da memoria
Com o futuro, o que passou, confronte;
Nellas do heroyco se affeyçoe á gloria:
Do indecoroso seu valor se afronte,
E hum conselheyro tenha no segredo
De seu retiro sem lisonja, ou medo.

114

Jà no compendio Historico chegava
O Leytor ao lugar, onde o perverso
Intento dos Eunucos se contava,
Contra o que era o primeyro do universo;
Do nobre Mardoqueo se declarava
A fè, com que lhe escusa o golpe adverso,
Mostrando bem, q̃ he o Rey melhor guardado
De hum fiel peyto, que de hum campo armado.

115

Dos desleaes ſe referia a pena,
E o premio do leal ſaber procura
O Rey, que a hum braço menos ſe condena,
Se do caſtigo, & naõ do premio cura.
Saõ a baſi eſtes dous, ſobre que ordena
O Princepe oſtentar a fermoſura
De ſeu Imperio, a que nunca exalta
Quando hum ſobreſahe, & o outro falta.

116

A eſſas quaſi ſempre defendidas
Ao fiel, ao forte, ao verdadeyro,
Franqueadas porèm, & offerecidas
Ao aſtuto, ao covarde, ao liſongeyro:
Dos meritos â vóz enſurdecidas:
Para as do indigno ao eco mais ligeyro:
De ouvidos cento; emfim portas do Paço
Grato ao que agrada, & ao que ſerve eſcaço.

117

O Delator, lhe dizem, que aſſiſtia
Da vil conſpiração pendente eſpada
(Se propicio o Ceo a não deſvia)
Sempre ſobre a cabeça coroada;
Porèm ſem premio algum, quando o devia
Condecorar a honra da eſtimada
Civica inſignia, luſtre decoroſo
Do bem publico ao defenſor famoſo.

118

A eſte tempo as redeas, que Phaetonte
Tão mal regeo, batia nas volantes,
E undoſas crines de Phlegon, & Ethonte,
Eſſe, que o carro guia de diamantes;
De ſuas luzes no mais viſinho monte
Jà ſobre as verdes plantas radiantes
O derramado ouro ſe notava,
Onde tanta eſmeralda ſe engaſtava.

119

Quando o cruel Amaõ, que na lembrança
De executar seu odio naõ sossega,
Proprio do que ao cuidado da vingança
Cega, ou do Amor cego, se entrega;
No aposento real, porque a privança
Nem a mais interior porta lhe nega,
Entrava, estando jà nascido o dia,
Bem que em sua fortuna anoytecia.

120

Porque cançado o Ceo dos pensamentos
Impios deste cruel, lhe determina,
Que esse, que impulso foy de seus aumentos,
O venha a ser agora da ruina;
E sejaõ tanto mais seus sentimentos,
Quanto he de hum soberbo na malina
Condiçaõ, mor tormento, que a memoria
De seus danos, dos emulos a gloria.

121

Chegado pois ao leyto, onde assistia
O Assuero, a quem jà desvelava
Mais que a falta do sono, que sentia,
A do premio, que ao Hebreo fiel tardava;
Logo lhe perguntou como podia
O Principe mostrar donde chegava
Para hum vassallo, a quem honrar deseja,
Muito mais seu poder, que a alhea inveja.

122

Não presumio o nescio ambicioso,
E aos meritos alheyos sempre cego,
Que outro, que elle não fosse, do mimoso,
E real affecto podia ser o emprego;
Effeyto tambem julga de forçoso
Astro esse do Rey desassossego
Em seu favor, que o ruim, & menos digno
He, quem cuida ter sempre o Ceo benigno.

123

A tanto pensamento persuadido,
E que â propria eleyção lhe entrega o fado
Benevolo, o dispor-se o mais luzido
Passeyo , que a soberba tem logrado ;
Desta sorte falou, bem esquecido ,
Que artifice se faz de hum sublimado
Triunfo, em que o Ceo tem feyto conta ,
Que a gloria seja de outro, & sua a afronta.

124

Senhor , quando da Regia Magestade
Sómente o benigno affecto basta
A engrandecer qualquer , que dignidade
Não serà curta a quem o amor lhe gasta?
Mas pois do mesmo Sceptro a potestade
Quanto a seu gosto se póde oppor-se afasta,
Meu dictame exporey , senão discreto,
Sempre da parte mais do vosso affecto.

125

Dizia pois o Rey, que essa, em que a nobre
E Tyria cor hum vivo fogo acende,
Que os regios hombros (onde quando os cobre,
Parece, que arde mais) menos offende;
Authorizasse ao que hoje se descobre,
Que a mais tanto; & que logo esse, que prende
Vossa fronte diadema, o ennobreça,
E o vosso amigo outro vos pareça.

126

E subido ao Quadrupede arrogante,
A quem sò vosso braço lhe mitiga
O ardente furor, com que inconstante
Bebe a escuma no freyo, que mastiga,
Passee a larga Corte, indo diante
Deste Imperio o mayor, que a vozes diga,
Com taõ nobre triunfo he sublimado,
Quem chega a merecer do Rey o agrado

127

Assuero, que attento naõ duvîda,
Persuadirse o Amaõ ser, quem merece
Sò do Rey os extremos, & â medida
Os dicta da ambiçaõ, que nelle cresce;
Logo em castigo quiz da desmedida
Proposta, que no mesmo, que aborrece,
A pompa veja, & naõ com dor escaça
De que â sua soberba deve a traça.

128

Corre pois, lhe responde, & sem demora
Ao fiel Mardoqueo, a quem deyxaste
Sem premio, do que dictas na melhora
Pontual lhe compensa, o que tardaste;
O mayor es do Imperio, & se esse agora
Para levar as redeas applicaste;
O' transferillas a outra mão, seria
Negarte injustamente a mayoria.

Tam-

129

Tambem quero, ſe deva â gravidade
De tua voz eſſe pregaõ glorioſo,
Porque ſempre tem mais authoridade
A vòz do ſoberano, & poderoſo;
E vè que detrahir da mageſtade
Do que dictaſte triunfo eſpecioſo,
A dano te condena, em que he preciſo,
Te ampare sò o ſoccorro deſte aviſo.

130

Paſmou o infeliz neſte impenſado
Golpe, que a ferir ſeu diamantino
Peyto tal rigor tem, que era ſcuſado
Mayor força buſcar no repentino;
Porque ver hum ſoberbo, que a pizado
Do humilde o leva algum fatal deſtino,
De aſtro contrario (quando o ſente pouco,
E eſtar em ſy parece) fica louco.

131

Executou porèm quando dictava,
Obedecendo ao Principe terrivel,
E nesse mesmo, foy que se ordenava
Claro triunfo, o despojo assás plausivel;
Depois se recolheo, aos que encontrava,
Negando o rosto, porque se o sensivel
De seu mal passar póde a mais tyranno,
He ver os que se alegraõ de seu dano.

132

Do grande disfavor, que a inconstante
Sorte nesta occasiaõ com elle usàra,
Aos seus deo conta, a quem mais diligente
Sempre no adverso a fama jà chegàra;
Em huns, & outros foy o pranto ingente,
Sabendo, que hum valido nunca para
O fado tendo jà menos propicio,
Se naõ medindo todo o precipicio.

133

O virtuoso Hebreo, que da mundana
Gloria taõ pouco fica impressionado,
Como do brando aljofar, com que usana
A Aurora enriquece o verde prado;
E porque dos rigores da tyranna
Sentença inda se teme, o antigo estado
Repetio, mas fiado em que os jà feytos
Favores nunca o Ceo deyxa imperfeytos.

134

Mas porque se chegava do convite
De Esther offerecido ao Rey a hora,
Foy convocado Amão, bem que o limite
Ser de sua soberba ainda ignora;
E que a contraria sorte neste invite
(Que he jogo o da fortuna) quer agora,
Que deyxe pelo modo mais funesto
De sua infame vida o infeliz resto.

135

Naõ devia fiar-se este imprudente
Tam depressa da sorte, que inimiga
Exprimentou, nem crer, que de repente
Ao infeliz estado o feliz siga:
Dar tempo ao tempo he arte do prudente,
Que ignora o ambicioso, porque o instiga
O pensamento seu sempre sobejo,
E se aconselha sò com seu desejo.

136

Ao entrar pelo Paço naõ diviza
O de que antes se via acompanhado
Nobre cortejo, indicio, que o aviza
De estrella jà contraria a seu estado;
Que he o desdem nos aulicos precisa
Conjectura da queda de hum privado,
E destas Clicies o inclinado rosto,
De que o Sol de sua sorte he quasi posto.

137

A bella Esther na mesa, onde conhece
Crescer de Assuero o amor pelo excessivo
Dos brindes, em que he força, se adormece
O racional, desperte o sensitivo;
Em carinhosos mimos lhe offerece
Ao rendimento seu novo incentivo,
Pois com ser natural o amor, mais parte
Sempre nelle terá o estudo, & a arte.

138

Despojado o Rey jà da magestade,
Que naõ tem com amor lugar bastante,
Trocada a natural severidade
Na brandura, que he propria ao fino amante;
Todo entregue nas mãos de hũa Beldade
Cativa, o entanto Imperio dominante,
Queyxa lhe faz, que em naõ pedir, a fama
Lhe detrahe, do que póde, ou do que ama.

139

O' poder ſem igual da fermoſura,
Que em forças ſempre a tudo ſuperiores,
Naõ ha miſter da ſorte na ſegura
Vitoria, que tem ſempre os ſeus favores;
Quem de naõ ſer rendido ſeu procura
A gloria, nem ſentir quer os rigores
De ſeu Imperio, bem que Alcides ſeja,
Eſcuſe o contender, deyxe a peleja.

140

Naõ era o Goliat, nem Leam era
A que foy sò co a viſta poderoſa,
Para poſtrar o meſmo, que vencèra
Deſſe as forças: deſſoutro a ſanha iroſa;
E hum, a quem de mil braços naõ rendèra Jud c. 17.
O esforço todo nem a rigoroſa
Prizaõ em nexos repetidos teme,
De Dalila a hum sò pelo atado geme.

141

Aquelle coraçaõ, a que a largueza 3. Regũ 4.
Dos mares fez sómente igual medida,
Essa foy aos caprichos da belleza
Verde folha dos ventos impelida;
E a mesma Esther agora nesta mesa
Nos mostra com assombro, na rendida
Vontade do que manda hum Emisferio,
Quanto he mayor da fermosura o Imperio.

142

A linda Dama pois naõ duvidando,
Que em tudo o que pertenda, o Rey benigno
Tem jà, porque o Ceo lho està entregando
Atado a seus cabellos de ouro fino;
Primeyro (do que a voz) do peyto brando
Hum suspiro tirando (nunca indigno
Prologo das razoens, com que pertende
A belleza obrigar) estas expende.

143

Sobirme quiz, Senhor, voſſa grandeza
De huma cativa humilde ao elevado
Lugar, onde naõ póde em tanta alteza
Já a viſta alcançar o antigo eſtado:
Era a neceſſidade, & a pobreza
Meu dote, & hoje o he, por voſſo agrado,
Quanto creou precioſiſſimo atègora
Rindo-ſe o claro Sol, chorando a Aurora.

144

Quizeſtes, que a diadema reſpeytada
De Provincias cento & vinte ſete
Condecoraſse a fronte ameaçada,
Por condiçaõ de eſcrava, de hum ferrete;
Bem que outro naõ ſerà taõ ſublimada
Merce em mim, por mais q̃ honrarme affecte,
Que eſſe ſinal, que o ferro com deſdouro,
E hoje ſem elle mo imprime o ouro.

Foy

145

Foy neste Imperio vosso (que só acabe
Onde, & quando do mundo a imagem bella)
Tal a fortuna minha, que naõ sabe
Ainda a admiraçaõ encarecella;
Esse, a quem da benigna sorte cabe
Menos, jà hoje a mais ditoso appella,
Nem ha morta esperança, que ao invite
Do exemplo, que em mim vè, naõ resuscite.

146

Mas para que encareço a sorte minha,
Se tanto chego a ser infortunada,
Que deyxo no estado de Rainha
O exemplo de â morte condenada?
Nem outro, que este medo, me detinha
A usar da merce, que em porfiada
Instancia me fazeis, donde se segue,
Sò ter mais, que ao mortal despoio entregue.

147

Ao misero povo, à que o patente
Edicto vosso à morte sentencea,
Pertenço, & se he comvosco delinquente
Em ser Hebreo, ò Rey, eu sou Hebrea;
Nem deyxarey de ter, quando innocente
O vejo padecer, por acçaõ fea,
Negarme delle, & se he vosso empenho,
Derramar este sangue, este he, que tenho.

148

Mas que gloria ao real nome lhe acresce
Com tal rigor, com tanta impiedade?
Entre as feras o Imperio estabelece
O furor, entre os homens a piedade;
Se ao Leam o Sceptro se offerece,
He na republica, onde a puridade
Da razaõ falta, porque desse he digno
Na racional sómente o mais benigno.

Pro=

149

Prouvera ao Ceo, Senhor, me commutasse
A Magestade vossa esta sentença
Num desterro onde o pranto aliviasse
A falta de vossa inclyta presença;
Mas naõ, que a que vos ama se acabasse
Doce vida, se acaso differença
Póde encontrar do amante a infeliz sorte
Entre a cruel ausencia, & a dura morte.

150

Naõ procedem porèm da generosa
E real condiçaõ vossa estes rigores,
Mas de hum perverso, a quem sempre odiosa
Sempre he contraria a vida dos melhores;
E quem vos diz, Senhor, naõ ser dolosa
Cautela deste iniquo em seus furores,
Para usurpar do Sceptro a Magestade
O extinguir primeyro a lealdade?

Quem

151

Quem seja, lhe pergunta o Rey severo,
Esse, que no seu Reyno póde tanto.
He (lhe responde Esther) este Amaõ fero,
Que com a vossa poem ao mundo espanto.
Hum ethna lhe accendèraõ no Assuero
Estas palavras, bem que no Amaõ, quanto
Sangue tem, se gelou, que no sugeyto
Diverso tambem o he da causa o effeyto.

152

No Rey, que à ira move, accendeo fogo,
Porque he esta payxaõ ignea, & ardente:
Gelou a essoutro, porque o entrou logo
O medo, que he em si frio accidente;
Ambos deyxaõ a mesa, hum pelo afogo
De seu furor: o outro, porque sente
A sua vida no ultimo perigo;
Que o ruim sò abre os olhos no castigo.

Sobre

153

Sobre o leyto, em que Eſther ſe recoſtava,
Se lançou, pertendendo temeroſo
Neſſe que da clemencia imaginava
Altar, mover ſeu animo a piadoſo;
Por mais rogos porèm, que acreſcentava,
Inutilmente roga, que he forçoſo,
Que naõ tenha de hum impio nos gemidos,
E rogos a vingança juſta ouvidos.

154

Aſſuero, que a hum jardim ſe retiràra,
Porque o tem a vehemente ira aſſaltado,
E ſe lembra de quanto antes erràra
Em caſtigar com animo indignado;
Ao repetir a meſa, que deyxàra,
Diz (vendo o triſte Amaõ inda enlaçado
Nos pès de Eſther) Em a preſença minha
Opprimir o traydor quer a Rainha.

155

Naõ se deve negar que entre o precioso,
De que o despoja a qualquer seu vicio,
He a boa opiniaõ, sendo forçoso,
O confirme na ruim hum leve indicio;
Era este Amaõ cruel, era furioso,
E a lanço se attribuio de maleficio
A que era humilde supplica, & a pena
Leva a que a opiniaõ prava o condena.

156

Harbona, que notàra o lenho immenso
Ao nobre Mardoqueo já prevenido,
Logo ao Rey propoz, que este do infenso
Amalecita â culpa era medido;
Nelle quer Assuero, que suspenso
Seja o Amaõ, porque no desmedido
Patibulo, & sinal sempre do excesso
Dos crimes, tenha o deste o seu processo.

A-

157

Apenas pois o Rey o ſentencea
Ao vil ſupplicio, quando em hum momento
De Suza a praça vio a imagem fea
Deſſe, jà ſempre horror, nunca eſcarmento;
E nelle o rayo da Naçaõ Hebrea,
Que conſumido em ſeu meſmo violento
Impulſo ajunta agora o duro pago
De ſua pena ao que fizera eſtrago.

158

Vé pois ó infeliz eſſa, que amaſte
Sempre louca vaidade, ambiçaõ cega,
Que depois que em teu peyto a fomentaſte,
Traydora a hum ſuſpendio vil te entrega.
De aerios penſamentos te alentaſte,
E eſſes te adianta quem te agrega
Ao patibulo alto, ſe eſtás poſto
No elemento, que foy mais de teu goſto.

159

Sempre do Ceo os olhos divertiste,
E para os pôr nelle naõ tiveste
Lugar na morte, porque o laço triste
Te obriga, a que os inclines ao terreste;
A tudo os vãos aumentos preferiste
No mundo, & o que elle soe dar tiveste,
Porque naõ ha mais certo desengano,
Que opprimir sempre o mundo ao mundano.

160

Nenhum o conheceo dos seus amigos,
Que o desvalido he como inficionado,
E o falso amor, que he lince nos perigos,
Ao fino deyxa o ser nelles vendado.
Festejaõ tanto dano os inimigos,
Dos outros ninguem sente, porque o fado
Do grande, & poderoso, na memoria
Jà mais serve de dor, serve de historia.

161

A sentença, que disse mais verdade,
Avisa, que o da sorte perseguido
Não encontra na sua adversidade
Outras, que escusas ao favor pedido:
Que não ha nos Palacios amizade,
Nem tam commum lição como (fingido
E attento às occasioens mais opportunas)
Não conhecer pessoas, mas fortunas.

162

Gozar do Principe a extremosa graça
Não se hade pertender (mas conseguida)
Prudencia singular, insigne traça
Importa a quem não quer vella perdida;
E se a trocou (que he facil) em desgraça
Accidente qualquer, em conhecida
Fuga, ainda verà o mais amigo,
Porque os não tem o dano, & o perigo.

163

Aſſociou de Amão a ſorte iniqua
Dez filhos ſeus à ſua acerba pena,
Naõ porque o proprio ſangue os ſacrifica,
Mas porque a culpa propria os condena;
Viſta horrenda! mas a que verifica,
Quanto o paterno exemplo deſordena,
Se he perverſo, porque nos difficulta
Diformar do que he origem força occulta.

164

Se muitos de nobreza, & fermoſura
Dotados vemos: muitos de riqueza,
Raro porèm quem de virtude pura
O ſeja, naõ ſe culpe a natureza;
O nobre, o bello, o rico ſe procura
Nos deſpoſorios sò, nunca a pureza
Da virtude, & he forçoſo, que ſe note
Proprio aos filhos, o que aos pays foy dote.

Nem

165

Nem da arvore infecta se imagine
Que poderà nascer pomo perfeyto,
Quando contrario vemos se define Luc.6.
Pelo que errar naõ póde em seu conceyto.
Naõ crer, disse Domicio com insigne
Verdade, ser pudesse de proveyto Sueton. in vit. Neron.
A Roma, o que nascia da malina
Condiçaõ, que em sy nota, & de Agripina.

166

O Rey que de Esther soube era sobrinha
Do fiel Mardoqueo; que essa fineza
De lhe guardar a vida ao da Rainha
Tio chegue a dever, he o que mais preza.
E porque de o exaltar como convinha
Tem mais motivo, o sobe a essa alteza,
Que se ao soberbo Amaõ foy precipicio,
No humilde serà estavel beneficio.

167

Na purpura tambem, que ao Rey por pura
Se dedicou, quer que inclyto appareça,
E de sua fé na mesma vestidura
Hum argumento aos olhos offereça;
Não menos, que o anel regio (em que se apura
O mayor valimento) se conheça
Negado ao Amaõ, porque o offende,
E jà na mão de hum braço que o defende.

168

Os humildes são huns, como inclinados
Valles, onde as gratissimas correntes
Da divina piedade, & os sossegados
Rios de seu favor descem frequentes:
Fermosas palmas são, que aos elevados
Montes da vãa soberba, transcendentes
Costuma o Ceo fazer, quando se via,
Que o peso da humildade os abatia.

169

E que obrà ſe admirou do ſoberano
Arquitecto de mayor ſublimidade,
Que a naõ fabricaſſe o ſoberano
Poder ſeu no alicerſe da humildade?
Tudo do nada fez, & porque o engano
Mais ſe confunda da humana vaidade,
Nos moſtra, que fazer tudo lhe agrada,
De quem ſe julga em ſeu conceyto hum nada.

170

Em Mardoqueo o adverte eſſa pompoſa
Veſtidura, que à lugubre ſuccede,
E o diadema, que a cinza luctuoſa,
De que os cabellos cobre, lhe deſpede;
Naõ menos o aureo anel, eſpecioſa
Inſignia, em que o governo o Rey lhe cede,
E arras de hum ſeguriſſimo conſorcio
Com eſſa, que do Amaõ jà faz divorcio.

171

Mas porque revogar-se o edicto falta,
Que inda he terror ao povo, & a Esther espãto,
Com essa ao amante Rey o assalta
Arma invencivel da belleza o pranto;
E no campo a que neve, & rosa esmalta
Plantando a bateria, o apertou tanto,
Que assina quanto pede esta fermosa,
Sò a partido de a naõ ter queyxosa.

172

Aos que as Provincias regem pronto aviso
Mandou logo expedir, insinuando
Naõ valia o decreto em prejuizo
Da ley, que tem co Principe igual mando;
Nem tivesse vigor quanto o invizo
Amaõ dictàra, hum povo destinando
Victima infeliz da detestavel
Vingança, que ao soberbo he sempre amavel.

173

Dos Hebreos permittio á propria eſpada
Faça a conta aos aggravos recebidos,
que, ſem eſta na maõ, he sò pezada
Lembrança nos de forças deſtituidos;
Mas (naõ o Rey) o Ceo, que da magoada
Queyxa nunca retira ſeus ouvidos,
Para a juſta vingança de ſeus braços
Quebrar quiz as prizoens, romper os laços.

174

Elegè [illegible] para [illegible]anta empreza o dia,
Què ſer o da extinçaõ ſua moſtràra
Aquella ſorte vãa, que o naõ podia
Ter viſto, ſe, em que he cega, ſe repara;
Pois sò o que a celeſte Monarquia,
E a terrena governa, nos declara,
Que em ſeu immenſo punho encerra a ſorte
Humana, & sò diſpoem da vida, & morte.

Inſta-

175

Instava pois o dia decretado
A' vingança fatal, & descobrindo
Vinha seu rosto sempre recatado
Essa, que o caro irmaõ quer vir seguindo;
Huma o, que naõ merece, triste fado
De seu leyto chorando, essoutro rindo
Da queda, que dos altos montes dando
As sombras vaõ, em sua luz chegando.

176

Quando de hũa a outra parte conduzida
De seu furor, em esquadraõ volante,
Qual dece sobre a preza estremecida
Com voo arrebatado Aguia arrogante:
Ou qual raudal undoso, que a opprimida
Foz jà rompeo com impeto pujante,
Se arremeçava ao idolatra impio
O Hebreo Aguia veloz, furioso rio.

Naõ

177

Naõ valeo privilegio ao feminino
Sexo em tanto furor, & ao delicado
Peyto da extincta mãy bebe o menino
Com o purpureo humor esse nevado;
Morta cahe a donzella, & ao golpe indigno
He jà o collo candido inclinado
Obelisco a sua misera fortuna,
Se dos trofeos de amor era coluna.

178

Se em hum o ferro ensopaõ, ao que palpita
Deyxaõ, por embeber noutro a espada,
Que contra o peyto desse solicita
A injuria feyta, & nunca perdoada;
Quinhentos postrou em Suza o Israelita,
E nem estando em sangue taõ manchada
Perde o ser lirio, a que seu nome allude,
Posto que nesse dia a cor lhe mude.

179

Nas mais Cidades, onde a concedida
Licença se extendeo, naõ se contenta
O Hebreo com menos, que deyxar sem vida
A cinco mil, depois jà de setenta;
Porèm nesta vingança, onde excedida
Foy da satisfaçaõ a injuria, aumenta
Seu triunfo, naõ ter este o desdouro
De encher hum punho o ferro, & o outro o ouro.

180

Tanto este povo, em que igualmente antiga
He a ingratidaõ, que o nascimento,
Favor sempre encontrou no que o castiga,
Ha jà sobre annos mil seis vezes cento;
Sem que a fé, de que Deos tanto se obriga,
E o culto seu, a que hoje vive attento,
Ponhaõ termo aos danos, que lamenta,
Mas como o podem ter no que os aumenta?

Como

181

Como lhe hade valer a que imagina
Ser pura fè, ſendo infidelidade,
E eſſe, que por culto lhe deſtina,
E he inſulto, ſuperſtiçaõ, vaidade?
Se neſcio o ignora, o dano ſeu lho enſina,
Porque ſe ao juſto he Deos todo piedade,
Quando ſe juſtifica a ſi, no injuſto
Caſtigo quer, que o Ceo naõ ſeja o juſto.

182

E ſe nos diz, que he pena da paſſada
Idolatria, eſſa piedade offende,
Que tal-vez do caſtigo eſtà magoada,
Mas do perdaõ jà nunca ſe arrepende;
E como póde ſer, que na emendada
Culpa, eſſe meſmo braço (que o defende
Quando queyxoſo) a vibrante folha
Por ſeculos taõ largos naõ recolha?

183

Quando por justa pena aos desvarios,
Que commettera jà, padece tanto,
Que esses de Babylonia largos rios, Psalm. 136.
Buscando o mar, o encontraõ no seu pranto:
Quando a cithara aos alamos sombrios
Entrega, & de Siaõ ao doce canto
Tem sua dor mudo silencio posto,
Que este as exequias fez sempre do gosto.

184

Pelo famoso Cyro o Ceo piadoso,
(Que condoído jà em seus pezares Exod. 16. Psal. 77.
Das nuvẽs lhe mandou manjar gostoso, Exod. 14.
A seus pès a soberba poz dos mares)
De o traduzir se digna ao delicioso
Patrio assento, & suspirados lares,
Com igual gosto, ao que (quando o aperta
Algum sonhado mal) quem jà desperta.

Pois

185

Pois se inda ingrato, & Politheo o ampara,
E pontual cultor da ley, seu vulto
Sacro lhe nega, como quer mais clara
Ver a vaidade desse errado culto?
O' estupidez da Hebrea mente avara
Da razaõ sempre, & hoje mais, se estulto
O bello original desestimando,
Ao retrato jà vaõ se está entregando!

186

Nem eraõ outras, as que o Ceo fiava D. Paul. 1. Ad Corint.
(Que imagens do futuro) â gente Hebrea;
E se nos diz, que nada debuxava,
Ociosa a Ley de Deos, quer que se crea;
Sem entender, que approva o que a notava
Ley pueril, sem realidade idea,
E a opiniaõ segue (tanto he o engano, Averroes.
E erro seu) do Arabe profano.

187

Mas, ſe qual deve, a julga precurſora
De outro eſtado melhor, no ſoberano
Da Catholica Igreja, o póde agora
Bem ver, ſe quer depor ſeu odio inſano;
E como o ſerà mais, quando a que adora
De morta cor (he tal o ſeu engano)
Que a naõ quer vivamente retocada,
Morta a eſtima, aborrece-a animada?

188

E que outro venerou o antigo, & attento
Hebreo là no Manná, que o, que piadoſo
O catholico adora, Sacramento,
Por ſem ſubſtancia pam, mais ſubſtancioſo?
Nem jà podia ſer, que o alimento
Seu, ſem outro myſterio, no famoſo
Templo aſſervaſſem, com indignas obras
Sò adorando do ſeu ſuſtento as ſobras.

Se

189

Se a que os sarou serpente no deserto, Num. 21.
Naõ figurava a Christo no sagrado
Lenho da Cruz, onde este Deos he certo,
Sarou da culpa o mundo vulnerado;
A Moysès culpaõ, que os mandou no aperto,
Que sentiaõ, ao metal effigiado
(Sem representaçaõ mais alta, & pia)
Rogar com evidente idolatria.

190

Na mesma Esther, que applaude, ver pudera
Este povo adumbrada, a que ditosa
Por humilde na de huma, & outra esfera
Metropoli o mais regio solio goza;
Nem ser mais que retrato, a que venera
Cativa, & jà Rainha, da que Esposa
E mãy desse Monarca, que a buscava
Para Rainha, & se disse escrava. Luc. 1.

191

Não fez dessa primeyra fermosura
Visivel o modelo, nem a traça
Riscou tambem da nobre arquitectura
Dos orbes, nem do campo ideou a graça;
Mas dignamente desenhar procura
O Artifice supremo essas, que abraça,
Perfeyçoens, sò Maria, a quem se humilha
Quanto no campo alegra, & no Ceo brilha.

192

Não que temesse o que sò não erra,
Que o primor de sua dextra se apartasse
Do que a mente dispoem, mas porque a terra
Tenha quem tanto bem lhe annunciasse;
E hum crepusculo (em quanto o que desterra
De todo as sombras densas não chegasse
Sol de Maria) veja na Esther nobre,
Que a luz prometa, que inda não descobre.

Por=

193

Porque de mil sò em metade goza Joseph de Antiq.
A ſorte Eſther: Maria entre milhares:
Eſſa he de hum Rey de Reynos cento eſpoſa:
Do que rege eſta o Ceo, a terra, os mares:
O ouro a coroou a Eſther fermoſa:
A Maria porèm (poſto que impares
A ſeu diadema) pares ſeis de Eſtrellas,
Com de dozena ſer, inda as mais bellas.

194

Se Eſther em brando animo converte
De hum Principe terrivel, & iracundo:
Maria o furor de outro diverte
De que eſtremece a maquina do mundo:
Por Eſther o, a que Amor jà fez inerte,
Revogar quiz o edicto furibundo:
Se Maria na ſupplica intercede, Petr. Dam.
Como póde, diz Deos, naõ como pede.

195

Maria ao fero Amaõ, que todo attento
A seu galhardo ser, da divindade
O throno pertendeo, que o entendimento
Lhe nega, se a ambiçaõ lho persuade;
Trocada a gloria de seu louco intento
Em hũa eterna injuria, & da vaidade
Sua só padecendo a pena extrema,
O lança onde jà mais seu povo o tema.

196

Depois deste successo, que na historia
Sagrada sempre igual, sempre uniforme
Obelisco terà onde da gloria
Da triunfante humildade o mundo informe.
Deyxou Assuero celebre â memoria
Dos seculos seu nome, & no conforme
Culto a hum Nume sò, vio sem segundo
Seu nobre solio, & seu vassallo o mundo.

197

Mardoque o mostrou bem no dilatado
Valimento, ser deste a segurança
Sempre a prudencia, & que do immoderado
Fausto a privaçaõ firma a privança.
Nem outra, que a soberba, & o arrojado
Abuso do poder, que lhe afiança
A continua lisonja, o determina
Astro contrario à fatal ruina.

198

Esther esse tributo, de que isento
O diadema naõ he mais soberano,
Rendendo, outro cobrou no sentimento,
De que he o affecto o exactor tyranno;
E nos suspiros, que o seu povo ao vento
Entrega, se vio bem, que quanto o humano
Cuidado estima, & a opiniaõ o doura,
Neste leve elemento se athesoura.

Ao

199

Ao real Pantheaõ foy com famosa,
Se magoada pompa, deduzida;
Mas que sobrava a Esther a, que forçosa
Pyra se faz aos mais, quem o duvîda?
Quando he certo, que tantos a saudosa
Lembrança a seus meritos devida,
Mausoleos lhe dedica (ó caso novo!)
Quantos os coraçoens de todo hum povo.

F I M.



[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

F I M



